



Bernardo Saldanha da Gama de Paiva Coelho Freitas Gerude.

**A Guerra do Paraguai na imprensa ilustrada carioca
A construção dos heróis e vilões**

Monografia apresentada à Graduação em História da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em História.

Orientador: Leonardo Affonso de Miranda Pereira

Rio de Janeiro
Junho de 2019

Dedico este trabalho à Elza Vieira de Souza Teixeira,
minha madrinha e primeira contadora de histórias.

Agradecimentos:

Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer a Deus, sem os dons da vida e da razão que Ele me deu, nada disso teria sido possível. Gostaria de agradecer ao meu orientador Leonardo Affonso de Miranda Pereira, que tão pacientemente soube me guiar pela elaboração da escrita deste trabalho. Agradeço também ao professor Sérgio Hamilton da Silva Barra, quem, no começo de minha pesquisa, me ajudou providencialmente com sua orientação. Por último, não menos importante, gostaria de agradecer aos meus familiares, amigos e namorada, que ao longo do processo de pesquisa e redação desta monografia, souberam me aconselhar e ajudar, cada um à sua maneira.

Resumo:

Este trabalho trata da construção das legendas dos heróis e vilões da Guerra do Paraguai pela imprensa ilustrada da Corte. Seu foco está, por isso, nas figuras dos militares brasileiros Duque de Caxias e general Osório, e do presidente paraguaio Solano López, durante os cinco anos do conflito. A disputa pela preferência do público leitor de jornais da Corte fez a *Semana Illustrada* e *A Vida Fluminense*, produzirem uma forma semelhante de retratar esses três indivíduos. Esta forma foi determinante, ao final do conflito, para a construção de uma memória de López como o único e grande vilão da guerra, e de Caxias e Osório como heróis nacionais.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai, imprensa ilustrada, herói nacional.

Sumário:

Agradecimentos.....	3
Resumo e Palavras-chave.....	4
Sumário e Lista de Ilustrações	
Introdução.....	8
Capítulo 1 - A construção de um vilão: Solano López.....	16
1.1 - O amigo do demônio (Dezembro 1864 - Agosto de 1865).....	17
1.2 - Um fujão amedrontado (Junho de 1865 - Dezembro de 1868).....	23
1.3 - O derrotado (1870).....	33
Capítulo 2 – A legenda dos heróis: Osório e Caxias.....	38
2.1 - A trajetória inicial: Caxias e Osório no exército.....	42
2.2 - A chegada no teatro de operações (1865-1866).....	45
2.3 - A guerra estagnada (Outubro de 1866 - Julho de 1867).....	50
2.4 - O ano das grandes vitórias (1868).....	57
Considerações Finais.....	68
Anexo.....	76
Bibliografia.....	80
Fontes.....	81

Lista de ilustrações: As ilustrações e textos retirados dos jornais *A Vida Fluminense*, *Semana Illustrada*, *O Arlequim*, *Jornal do Brasil* e *Jornal do Commercio* estão disponíveis para consulta pública no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

1. p. 13: *A Vida Fluminense*, No 27, 4 de Julho de 1868.
2. p. 25: *Semana Illustrada*, No 256, 5 de Novembro de 1865.
3. p. 26: *Semana Illustrada*, No 245, 27 de Agosto de 1865.
4. p. 28: *Semana Illustrada*, No 379, 15 de Março de 1868.
5. p. 30: *A Vida Fluminense*, No 15, 11 de Abril de 1868.
6. p. 32: *A Vida Fluminense*, No 39, 26 de Setembro de 1868.
7. p. 34: *Semana Illustrada*, No 485, 30 de Março de 1870.
8. p. 35: *A Vida Fluminense*, No 117, 26 de Março de 1870.
9. p. 41: APUD DORATIOTO, Francisco. “Político, estancieiro e militar”, pg 128, in *General Osorio: a espada liberal do Império*. - São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
10. p. 46: *Semana Illustrada*, No 237, 25 de Junho de 1865.
11. p. 48: *Semana Illustrada*, No 283, 13 de Maio de 1866.
12. p. 49: *Semana Illustrada*, No 306, 21 de Outubro de 1866.
13. p. 56: *O Arlequim*, No 25, 27 de Outubro de 1867.
14. p. 58: *A Vida Fluminense*, No 16, 18 de Abril de 1868.
15. p. 60: *A Vida Fluminense*, No 33, 15 de Agosto de 1868.
16. p. 63: *A Vida Fluminense*, No 33, 15 de Agosto de 1868.
17. p. 65: *A Semana Illustrada*, No 402, 23 de Agosto de 1868.
18. p. 72 e 73: Pedro Américo de Figueiredo e Melo. *A Batalha do Avahy*. Executada de 1872 a 1877. Medidas: 1000 x 600 cm (com moldura), 900 x 500 cm (tela sem moldura). Óleo sobre tela. Moldura em gesso dourado. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

Introdução

A Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado do continente sul-americano. Ela envolveu a sociedade e a economia de quatro países, em uma guerra que durou pouco mais de cinco anos, mobilizando a sociedade civil a participar ativamente alistando-se, ou indiretamente, debatendo e discutindo os rumos e consequências da guerra. Só o Império do Brasil levou à guerra em torno de 139 mil homens, entre os voluntários, os membros da Guarda Nacional, recrutados compulsoriamente e escravos libertos¹. No âmbito da vida civil, o conflito contra o Paraguai suscitou uma série de debates e tensões entre o Estado imperial e a sociedade escravista vigente.

No começo da guerra, muitos voluntários, de diferentes províncias, se apresentaram ao Exército imperial e o dia-a-dia dos centros urbanos foi tomado por cortejos. Os símbolos da unidade nacional, principalmente o Imperador, se fortaleceram, e um inimigo estrangeiro parecia ser o elemento que faltava para unificar as distantes e diferentes províncias sob uma causa². Porém, à medida que a guerra se arrastava, os ânimos populares foram diminuindo. Para manter o fluxo de soldados indo para front, o governo passou a convocar os membros da Guarda Nacional e a alistar de maneira compulsória os cidadãos aptos e em idade de serviço militar. Com o mesmo objetivo, a partir da segunda metade de 1866, passou-se a discutir na câmara dos deputados o alistamento de libertos.

De acordo com o historiador Francisco Doratioto, em se tratando das causas para o conflito, a historiografia brasileira sobre a Guerra do Paraguai pode ser dividida em três fases: uma primeira marcada pelo oficialismo dos registros das forças armadas do Império, patriótica. Nessa fase, a guerra teria iniciado unicamente pelo ímpeto de Solano López, além de diminuir a participação dos aliados na guerra e ignorando erros e crimes cometidos pelas forças brasileiras. A segunda fase de produção historiográfica foi classificada como revisionista. Durante a década de 1960, sob um contexto de ditadura militar, intelectuais nacionalistas de esquerda buscaram contestar os regimes autoritários sob os quais viviam, desconstruindo os ícones e grandes acontecimentos militares. Para estes intelectuais, a Guerra do Paraguai teria sido articulada por interesses econômicos ingleses, país que buscava se

¹ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. “5. A caça a Solano López”, pg. 458, in *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. 2ª edição, 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

² DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. “5. A caça a Solano López”, pg. 461, in *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. 2ª edição, 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

inserir no mercado interno paraguaio e impedir que o Brasil se tornasse uma potência regional.

Ainda de acordo com o autor, a terceira fase teria começado a dar frutos a partir da década de 1980, com historiadores que, a partir de novas metodologias de pesquisa e novas fontes documentais, evitaram o “emocionalismo fácil” e da “denúncia indignada”, que marcaram as duas primeiras fases. Tal corrente interpretou as causas para o conflito platino a partir das disputas regionais, das tensões entre os próprios países envolvidos por questões de fronteira, econômicas e diplomáticas. Dessa forma, desmantelou a perspectiva patriótica e simplificadora dos primeiros trabalhos, tirando a culpa da guerra da personalidade de Solano López. Além de conferir protagonismo histórico às nações beligerantes, destoando dos pesquisadores nacionalistas de esquerda da segunda fase, que punham a Inglaterra como o elemento estrangeiro capaz de articular suas influências e iniciar guerras em outros países.

Meu trabalho, portanto, compreende a Guerra do Paraguai, suas causas e desdobramentos, sob a égide das obras dentro da perspectiva que Francisco Doratioto reconhece como pertencentes à terceira fase. As origens deste conflito se encontram nas tensões e disputas por influência política, questões comerciais e limites fronteiriços, durante as décadas que antecederam a eclosão da guerra entre os países envolvidos. Trabalhos como do próprio Doratioto, mas também de Keila Grinberg, André Toral³, Vitor Izecksohn⁴ e Lilia Moritz Schwarcz⁵, buscam explicar a eclosão da Guerra do Paraguai, dentro deste contexto de disputas e negociações entre Estados Nacionais.

Porém, não busco, neste trabalho, responder novas questões a respeito das causas para a Guerra do Paraguai ter começado. Meu interesse é pensar sobre as grandes personalidades militares do conflito, especificamente, três delas: os brasileiros Duque de Caxias e General Osório e o líder paraguaio, Solano López. A exemplo dos autores anteriormente citados, a historiografia brasileira ultimamente, de maneira geral, tem pouco se debruçado sobre tais personagens. Busco elucidar como essas três figuras foram retratadas textual e ilustrativamente pela imprensa ilustrada da corte, durante os anos da guerra.

³ TORAL, André. *A iconografia da Guerra do Paraguai (1864-1870)*. São Paulo, Humanitas, FFLCH, USP, 2001.

⁴ IZECKSOHN, Vitor. “A Guerra do Paraguai”, in Organizado por: GRINBERG, Keila & SALLES, Ricardo. *O Brasil Imperial, vol II: 1831-1870/* - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A Batalha do Avaí*. Ed: Sextante, Rio de Janeiro, 2013.

Como dito anteriormente, pela dimensão que teve a Guerra do Paraguai, ela afetou inúmeras dimensões da sociedade civil, sendo amplamente discutida no âmbito político. Porém, tais discussões não se restringiriam às câmaras e ao senado. O principal meio pelo qual a sociedade civil manifestou seu apoio e ressalvas a guerra, foi através dos jornais. Após a vinda da família imperial ao Rio de Janeiro, em 1808, gradualmente, o Brasil passou a gozar de liberdades que antes não lhes eram permitidas. A liberdade de imprensa veio por meio de um decreto em 1821, no qual Dom João VI suspendeu a censura prévia para a imprensa⁶. A partir deste decreto, e inserida também no contexto da independência, que veio pouco depois, a imprensa no Brasil e principalmente na Corte, se desenvolveu enquanto uma empresa educativa e formadora de opinião. Na sociedade brasileira daquele tempo, marcada pela oralidade, as informações e ideias presentes nos jornais, não ficavam contidas neles, pois elas eram passadas de boca à boca.⁷

A partir disso surge o meu interesse pelas publicações dos jornais ilustrados, em especial dois dos mais populares na corte durante a década de 1860, a *Semana Illustrada* e *A Vida Fluminense*. Havia muitas propostas de jornais na corte, durante esse período, sendo o principal diferencial dessas duas folhas as suas ilustrações, suas caricaturas, que buscavam divertir o leitor através da sátira política e do escárnio. As ilustrações produzidas por essas folhas traduziam, através dos traços de seus artistas, uma forma mais compreensível e elucidativa ao público, a sátira que faziam sobre alguém ou determinado acontecimento.⁸

A *Semana Illustrada* era publicada dominicalmente, tendo seu primeiro número lançado no dia 16 de Dezembro de 1860. Logo que surgiu, chamou a atenção do público consumidor de jornais da corte, pois cada volume possuía oito páginas, das quais quatro eram somente de ilustrações. A revista foi fundada no Rio de Janeiro por três alemães: Carlos Linde e os irmãos Henrique e Carlos Fleiuss. Henrique Fleiuss era um dos principais ilustradores da revista e Carlos Linde era litógrafo.⁹

⁶ LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

⁷ MARTINS, Ana Luiza. “Imprensa em tempos de Império”, in *História da Imprensa no Brasil* / Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca, (organizadoras). - São Paulo: Contexto, 2008.

⁸ MOREL, Marco. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

⁹ SOUZA, Karen Fernanda Rodrigues de. *As cores do traço: paternalismo, raça e identidade nacional na Semana Illustrada (1860-1876)*. 2007. 187p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

A Litografia era um processo de reprodução de imagens ou texto, que consistia em imprimir sobre papel, por meio de prensa, com tinta graxenta sobre uma superfície calcária ou uma placa metálica.

Como porta-vozes da *Semana*, isto é, aqueles que falavam pelos autores e ilustradores, ela possuía dois personagens narradores: o Dr. Semana e seu escravo Moleque. Eles tinham personalidades e opiniões próprias, eram eles quem assinavam os textos e ilustrações de cada volume. Assim como os fundadores da revista, o Dr. Semana era um estrangeiro na corte imperial, cujos posicionamentos refletiam aquilo que Carlos Linde e os irmãos Fleiuss criam ser sua missão aqui no Brasil: civilizar o Brasil através do riso, satirizando os costumes e, através do escárnio, mostrá-los e aproximá-los da verdadeira civilização, a Europa. Muitos outros jornais faziam o mesmo que a *Semana*, porém, ela foi inovadora em seu tempo por fazer isso com humor e muitas ilustrações, que eram novidade no Rio de Janeiro, à época.¹⁰

Uma vez que o objetivo da *Semana* era civilizar o público através de suas crônicas e ilustrações, ela buscava mostrar-se neutra, apartidária em relação aos assuntos políticos vigentes. A revista se colocava como defensora das causas que ela cria estar acima das disputas entre os Liberais e Conservadores, focando-se supostamente naquilo que dizia respeito ao aprimoramento da Nação como um todo. Fato importante para compreendermos o teor das publicações da *Semana Illustrada*, os três fundadores da revista chegaram ao Brasil com uma carta de recomendação do naturalista Karl Frederich Philippe von Martius e, a partir disso, estabeleceram uma certa relação de intimidade com a família imperial. Eles frequentavam o palácio da Quinta da Boa Vista e eram próximos de D. Pedro II.¹¹ A partir disso é possível traçarmos o perfil da revista: conservadora em política, não questionava o sistema político monárquico nem a figura do Imperador, uma vez que seus próprios redatores eram íntimos dele. Tal perfil será mais claramente exposto a partir das análises de imagens e crônicas, ao longo dos dois capítulos subsequentes deste trabalho.

A Vida Fluminense foi outro jornal ilustrado que obteve bastante sucesso na corte, ao final da década de 1860. A história desta revista está intimamente ligada à trajetória profissional de um ilustrador italiano, chamado Angelo Agostini. Tendo estudado em Paris, ele veio para o Brasil quando ainda tinha dezesseis anos, estabelecendo-se em São Paulo. Seu

¹⁰ SOUZA, Karen Fernanda Rodrigues de. “As cores do traço: paternalismo, raça e identidade nacional na *Semana Illustrada* (1860-1876)”. 2007. 187p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

MOREL, Marco. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

¹¹ SOUZA, Karen Fernanda Rodrigues de. “As cores do traço: paternalismo, raça e identidade nacional na *Semana Illustrada* (1860-1876)”. 2007. 187p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

primeiro trabalho, não muito duradouro, foi em uma folha ilustrada que ele mesmo fundou, em 1864, chamada *O Diabo Coxo*, cujo objetivo era semelhante ao da *Semana Illustrada*, fazer rir através da sátira política. Nela, Agostini contou com o trabalho do rábula abolicionista Luís Gama, que escrevia crônicas para o jornal. Mas por conta do baixo número de vendas, menos de um ano depois de sua fundação, Agostini fechava as portas do *Diabo Coxo* para fundar *O Cabrião*, outra folha ilustrada.¹²

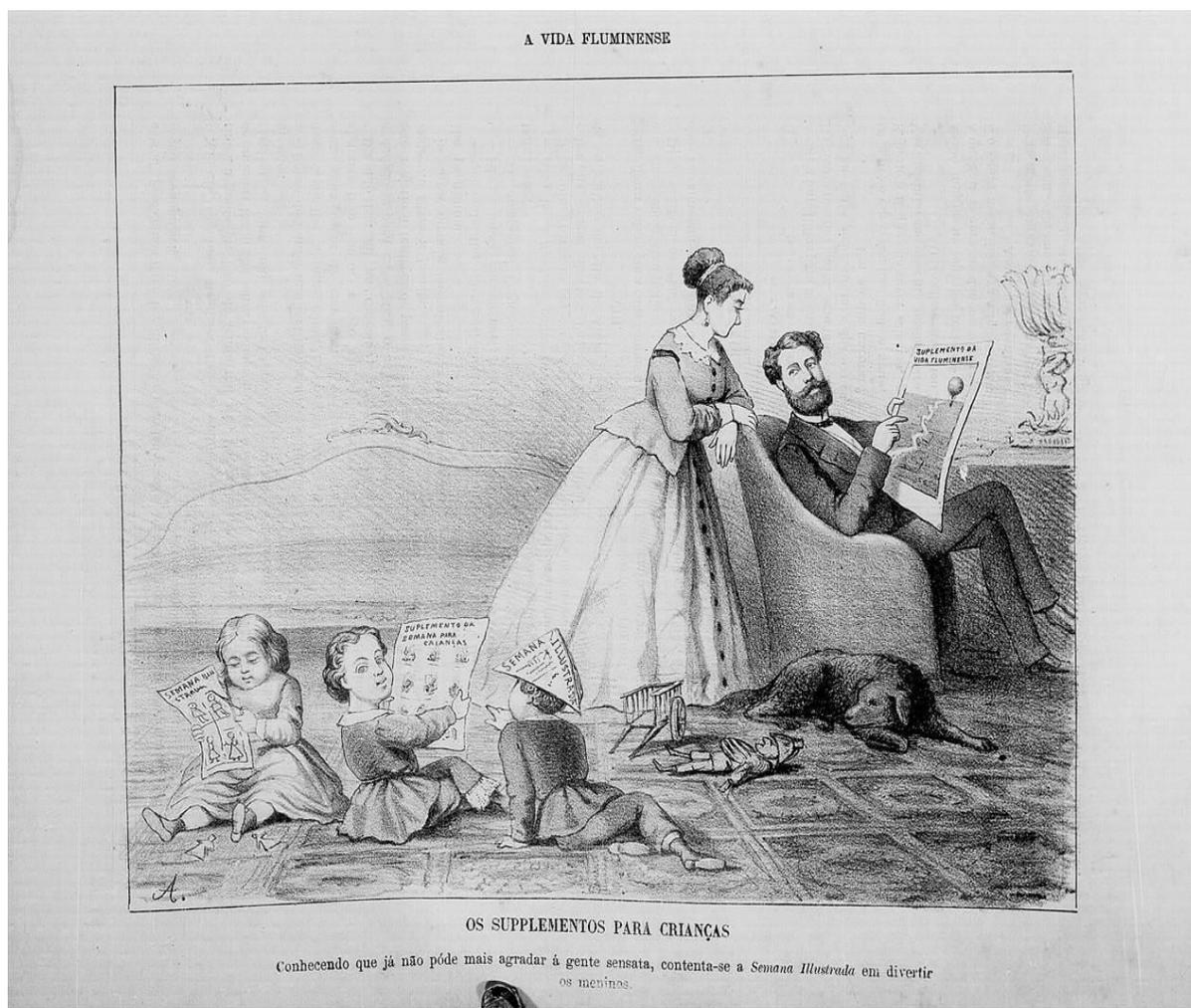
O Cabrião também nasceu como um jornal jocoso, com o intuito de criticar a partir da caricatura com humor. Mas, diferentemente da *Semana Illustrada*, que se pretendia neutra e apartidária, o segundo jornal fundado por Angelo Agostini era ligado a uma facção do Partido Liberal Paulista, recebia financiamento de políticos ligados ao partido e em suas páginas, mostrava-se ávido crítico das medidas e ações legislativas encabeçadas pelos Conservadores. Assim como na *Semana Illustrada*, *O Cabrião* também tinha um personagem narrador; *Cabrião* era o nome da folha e também do próprio personagem.¹³

A Vida Fluminense surge no mercado de jornais e jornais ilustrados da corte em 1868. Portanto, como dito antes, há oito anos a referência para o público carioca de folha jocosa ilustrada era a *Semana Illustrada*. A Guerra do Paraguai já vinha sendo relatada e retratada pela *Semana* desde Dezembro de 1864, portanto, além dos consumidores de jornais do Rio estarem acostumados com as publicações dela, de uma maneira geral, a forma como esta falava do conflito em si e dos grandes personagens envolvidos, se tornara a expectativa geral de como que se devia falar sobre os mesmos. Angelo Agostini chega a um mercado que já tinha uma predileção. Para poder conquistar o público carioca, ele adapta *O Arlequim* para uma proposta mais comercial, tornando-o n' *A Vida Fluminense*.

A *Semana Illustrada*, inúmeras vezes, foi tratada nas páginas da *Vida Fluminense* como um jornal acrítico, capacho do Imperador e com qualidade jornalística inferior. Ao mesmo tempo que ela se assemelhava a forma como o público carioca estava acostumado a ler notícias sobre a Guerra do Paraguai e seus grandes personagens, ela criticava o trabalho de sua principal concorrente, a fim de conquistar seu espaço no mercado jornalístico.

¹² BALABAN, Marcelo. *O poeta do Lápis. Sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)*. Campinas SP, Editora Unicamp, 2009.

¹³ BALABAN, Marcelo. op.cit.



A Vida Fluminense, No 27, 4 de Julho de 1868. Na legenda desta caricatura, intitulada Os Suplementos para Crianças, diz: “Conhecendo que já não pode mais agradar à gente sensata, contenta-se a *Semana Illustrada* em divertir os meninos.”

A imagem fala por si só. O pai da família, volta-se para sua esposa, apontando para o material que lê, *A Vida Fluminense*. Enquanto, uma das crianças estende o seu jornal aberto para o leitor, expondo o título da *Semana Illustrada*. Jornalismo sério e verídico, com imagens de qualidade, e não ilustrações infantis, o comprador encontrava n’*A Vida Fluminense*. Era essa a crítica da revista para tentar desmerecer a sua principal concorrente.

O meu interesse em trabalhar com essas duas revistas se dá pelas diferentes perspectivas que seus ilustradores e redatores possuíam, o que determinou a forma como criticavam e elogiavam o andamento da guerra, os erros e acertos dos militares aliados. Porém, mesmo partindo de pontos de partida distintos para produzirem suas reflexões, juntas,

construíram a maneira pela qual Solano López ficou lembrado como o grande vilão da guerra, e Duque de Caxias e o general Osório como os dois maiores heróis da mesma.

Busco, através das análises de imagens que realizei nos capítulos, demonstrar como esse processo de retratação culminou na heroicização de Osório e Caxias, fazendo-os tornarem-se heróis nacionais, após o fim da guerra. Enquanto Solano López ficaria lembrado na memória popular como o grande responsável pela eclosão do conflito platino, consequentemente, influenciando a primeira fase da produção historiográfica brasileira sobre a Guerra do Paraguai.

No 1º capítulo, discorro sobre as três etapas que estabeleci sobre a progressão da legenda de vilão de López. O presidente paraguaio sofre transformações; no começo da guerra, com o avanço das tropas guaranis sobre os territórios brasileiro e argentino, López causa medo. Ele é demonizado por ter atacado sem declaração de guerra formal o Império - o que era visto como um ultraje - porém, por ser bem sucedido nas suas incursões invasoras iniciais, Solano López preocupa e causa medo nos brasileiros. A partir das primeiras vitórias aliadas, ele continua sendo tratado como um terrível vilão, contudo, cada vez mais acuado. As caricaturas e crônicas que o retratavam como um demônio encarnado são substituídas por outras que enfatizavam o recuo para o interior do Paraguai, sua fuga, suas tentativas inúteis de evitar a derrota. O medroso agora era López. Para enfim, após morte em Março de 1870, ele se tornar o ícone caído, o símbolo que consolidava a derrota paraguaia.

No 2º capítulo, também estabeleço três momentos da guerra para analisar como Caxias e Osório estavam sendo retratados. A expectativa de suas chegadas no teatro de operações se refletiu em exaltação de suas personalidades, nos primeiros anos, de 1865 e 1866. O ano de 1867, após a chegada de Caxias e sua decisão de parar o avanço das tropas, o estabelecimento como segundo momento de análise, pois, se de fato criticava-se muito o fato da guerra estar estagnada nas páginas dos jornais, a impaciência pela vitória era grande, as folhas ilustradas não colocavam Caxias e Osório como os responsáveis pela estagnação. O ano seguinte é o ano decisivo, quando o Brasil, sob a liderança e condução de ambos, vence seguidas vezes o exército paraguaio. As imagens desses dois generais em 1868, nos jornais e nas folhas ilustradas, surge como uma confirmação da expectativa que se tinha deles quando chegaram na guerra.

Nas considerações finais concluo que a progressão da retratação desses dois militares brasileiros, que a imprensa ilustrada construiu em diálogo com seu público consumidor,

culminou ao final da guerra com as suas transformações em heróis nacionais. Caxias e Osório não mais eram tratados nas páginas dos jornais e desenhados nas folhas das revistas ilustradas como importantes figuras públicas, isso eles já eram, mesmo antes da guerra. Mas, a partir desse caminho evolutivo que os jornais apontam, a mídia impressa, em constante negociação com a sociedade carioca, construíram juntos as condições para que eles fossem reconhecidos como heróis de toda a Nação. Da mesma forma, Solano López ficou lembrado como o único responsável pela Guerra do Paraguai e vilão da mesma.

Capítulo 1 - A construção de um vilão: Solano López

“Poucos homens no mundo exerceram tanta fascinação e poder sobre sua gente como o ditador do Paraguai. É um fenômeno desconcertante a sua personalidade... Nele se concentram todos os perigos da megalomania; todos os extremos da embriaguês; todas as expansões do animal, impulsionado por um sensualismo mórbido e audacioso; todas as taras recalçadas da astúcia e da ferocidade do índio e do espírito bélico, aventureiro, do antigo dominador espanhol.”¹⁴

É desta maneira que o autor Affonso de Carvalho¹⁵ descreve o presidente ditador paraguaio Francisco Solano López, na biografia que redigiu sobre a vida do Duque de Caxias. A obra se dedica a narrar toda a trajetória pessoal e profissional do general brasileiro, com o objetivo de apresentar ao leitor uma memória sobre este personagem, que, segundo o autor, deve ser lembrado por ser um dos maiores responsáveis pela integridade do território brasileiro. O livro é dividido em quatro partes, cuja terceira trata da participação de Caxias nas intervenções que o governo Imperial fez no exterior. No Uruguai, contra o governo de Manoel Oribe, em 1851; e na Argentina, contra Juan Manuel Rosas, também no mesmo ano. O último capítulo desta terceira parte é sobre a luta de Caxias contra Solano López, no Paraguai.

Affonso faz uso em seu livro de fontes que, durante muito tempo, foram as únicas fontes que pesquisadores brasileiros utilizaram para escrever sobre Guerra do Paraguai: relatos e correspondências de oficiais e soldados do Império. Assim como outros autores fizeram até meados da década de 1960, Affonso de Carvalho tomou as descrições dos soldados brasileiros sobre os combates contra as tropas paraguaias, ou sobre o dia-a-dia nos acampamentos, como fontes capazes de transmitir a totalidade do conflito. As palavras dos combatentes brasileiros eram tradução fidedigna do que fora aquela realidade.

Toda uma produção historiográfica brasileira sobre Solano López, utilizando os relatos dos combatentes brasileiros da forma como Affonso de Carvalho fez, transformou aquilo que estes disseram sobre o déspota em realidade. Não estou desmentindo que Solano López mandava fuzilar os generais que não conseguissem obter vitórias e seus dissidentes

¹⁴ CARVALHO, Affonso de. *Caxias*, pg. 212 e 213. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1976.

¹⁵ Affonso de Carvalho (18/10/1897 - 15/06/1953) foi um militar, que atingiu a patente de tenente, mas que desde muito cedo dedicou-se à literatura. Escreveu peças de teatro, lutou contra os paulistas em 1932 - escreveu um livro chamado *Capacete de aço*, onde descreve episódios militares do conflito entre os constitucionalistas paulistas e as tropas federais. Foi interventor Federal no estado de Alagoas em 1933, foi membro da Assembléia Constituinte em 1946 e deputado federal por Alagoas, no mesmo ano.

políticos, dentre outros crimes que ele ordenou que fossem executados. Mas, aquilo que os brasileiros à época diziam quem López era, nas mãos de pesquisadores como Affonso de Carvalho, tornou-se a razão para a Guerra do Paraguai ter começado.

Se López não fosse um megalomaniaco embriagado, tarado e invejoso da astúcia alheia, feroz como um indígena e belicoso como um colonizador espanhol; a guerra não teria começado. Foi desta forma que, durante muito tempo na produção acadêmica sobre as causas da guerra ela foi justificada. A forma como foram interpretadas as fontes produzidas pelos brasileiros que lutaram na Guerra do Paraguai, numa primeira fase da historiografia brasileira, reduziu as causas da guerra às loucuras e erros de um único homem¹⁶.

Neste primeiro capítulo de meu trabalho, analisarei as formas pelas quais o presidente paraguaio Francisco Solano López foi retratado e caracterizado - por duas folhas ilustradas da corte a *Semana Ilustrada* e *A Vida Fluminense* - durante a Guerra do Paraguai. Através da análise das imagens e artigos publicados por estes jornais, apresento como e porque houve uma transformação na retratação de Solano López que, condicionadas pelo desenrolar da Guerra e dos acontecimentos políticos nacionais e internacionais envolvendo-a, fê-lo passar de um inimigo demonizado - Dezembro de 1864 até Agosto de 1865 - para um fugitivo medroso - Junho de 1865 até o fim de 1868 - e, por fim, em um inimigo derrotado em 1870. Demonstrando que, a produção imagética da imprensa ilustrada, influenciou na construção da memória de Solano López como o único responsável pelo começo do conflito da primeira fase de produção historiográfica brasileira, sobre as causas da Guerra do Paraguai.

1.1 - O amigo do demônio (Dezembro 1864 - Agosto de 1865)

Durante a Guerra do Paraguai, os jornais cariocas, fossem eles semanários ou diários, possuíam correspondentes de guerra que enviaram relatos pessoais, descrições dos combates, desenhos e até mesmo mapas dos deslocamentos das tropas no teatro de operações. Esses indivíduos, na maioria dos casos, eram oficiais e soldados do Exército ou da Esquadra

¹⁶ PEREIRA, Alan Ricardo Duarte. "Historiografia da Guerra do Paraguai: perspectivas e tendências de um conflito secular". *Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais* - UEG/UnU Iporá, Vol. 1, no. 1 - 2012, p. 27-38.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. 2ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Imperial - portanto, eram brasileiros que relataram para os periódicos, as suas perspectivas sobre os combates, as condições dos acampamentos e a rotina da guerra. Àquela altura, a imprensa tinha ainda um perfil segmentado, que não buscava atingir amplos setores da sociedade, voltando-se para certos nichos, com publicações voltadas para um público tipificado. Soma-se a isso o fato de que a maioria da população da província do Rio de Janeiro, à época, era analfabeta e carecia de recursos para comprar jornais, quanto mais revistas ilustradas, que eram itens ainda mais caros¹⁷. Uma vez que eram setorizados os diários e hebdomadários da corte, não buscavam apresentar ou contrapor às opiniões dos soldados e oficiais brasileiros, àquelas dos combatentes paraguaios. A versão a ser noticiada, a virar oficial, era a perspectiva dos soldados brasileiros.

A *Semana Illustrada* publicou no dia 3 de Março de 1867, uma crônica intitulada “Esquadra Bloqueadora”, um relato datado do dia 14 de Fevereiro do mesmo ano, de Curuzú, uma das posições fortificadas inimigas no rio Paraguai, que o Brasil conquistara no ano anterior. O texto é o relato pessoal de um combatente naval, cujo nome não é revelado, no qual descreve o ataque de oito encouraçados brasileiros a trincheiras paraguaias.

“Isto por aqui, meu caro Dr. Semana, cheira a chamusco depois que o almirante Joaquim José Ignacio tomou conta da nossa floresta flutuante.

O homem não deixa os solanos porem os pés em ramos verdes, não lhes dá sueto, vai-lhes acima com vento fresco quando eles menos esperam pela pancada...

O combate do dia 2 deste mês, Doutor, foi sem contestação espetáculo grandioso.

Oito encouraçados, formados em duas linhas, tendo no meio delas um navio de madeira, onde o almirante desfraldou sua insígnia, oito encouraçados lançando bombas contra uma dupla trincheira de terra e arvoredos, guarnecida de treze peças de 68, que respondiam ao fogo, é, meu Doutor, um negócio muito grave...

O troar dos canhões ensurdeceu-me, o cheiro da pólvora embriagou-me e sem fazer cabedal das ondas da fumaça, que flutuava pelos ares, descrevendo formas bizarras, fiz também uma boa meia dúzia de tiros.

Se matei algum paraguaio não sei, não quero saber: lá se avenha com o diabo.

Os resultados do combate foram excelentes; jaz por terra grande porção da trincheira inimiga, como ficou averiguado nos dias seguintes...

Adeus, Doutor, até breve: isto por aqui continua aceso e eu não estou disposto a apagar-me.

Do que ocorrer dar-lhe-ha notícias sempre verdadeiras o anti-mariscal.

Leva arriba.¹⁸

¹⁷ Com base nos dados do censo populacional de 1872, a população total da província do Rio de Janeiro, era de 782.724 pessoas. Deste total, somando indivíduos livres e escravizados, os alfabetizados representavam 14,65% da população, numericamente, 114.707 pessoas. (*Rensenseamento do Brazil em 1872*, Rio de Janeiro).

¹⁸ *Semana Illustrada*, No 325, 3 de Março de 1867.

Chamando os combatentes inimigos pelo termo de solanos, o autor deste relato os iguala ao seu líder, o marechal López. É um termo generalizante, mostra que o autor via os soldados paraguaios como cúmplices de seu presidente, aquele que atacara e invadira o Brasil sem declaração prévia de guerra. Apesar da *Semana Ilustrada* ser uma revista cômica, tal crônica é uma amostra de que ela também pressupunha seriedade e veracidade ao levar alguma notícia para seus leitores. Ao trazer o relato de um combatente brasileiro, fato que fez repetidas vezes ao durante os primeiros anos da guerra, mostra que ela noticia a guerra buscando ser fiel a o que os soldados brasileiros passavam, pois ela dava voz a eles em suas páginas.

No primeiro semestre da guerra, de Janeiro à Agosto de 1865, a opinião pública acreditava que ela não duraria muito, que o Brasil rapidamente conseguiria acabar com as forças paraguaias. O corpo dos Voluntários da Pátria foi criado para aumentar o efetivo do exército - que à época do começo do conflito, não contava com nem mesmo 20.000 homens, estando eles todos espalhados pelo território nacional de maneira disforme - e que recebeu muitos voluntários num primeiro momento, os quartéis ficaram abarrotados, homens precisaram ser liberados pois não havia como acomodá-los no alistamento. De fato, as compensações e soldos acima da média que o governo concedeu àqueles que ingressassem ao corpo dos Voluntários, a crença de que a Guerra seria rápida e de que com o serviço militar temporário poderiam adquirir prestígio e um bom dinheiro, fez muitos homens se apresentarem.¹⁹

Todo esse otimismo, fez jornais como a *Semana Ilustrada* publicarem muitos textos estimulando o alistamento, elogiando a causa imperial e fazendo pilhéria com os soldados paraguaios, principalmente com seu líder Solano López. Durante o ano de 1865, a *Semana* escreveu, frequentemente, textos como se fossem cartas de Solano López, destinadas ao seu caríssimo e excelentíssimo amigo Satanás. Em uma sociedade em que o catolicismo marcava profundamente a cultura como um todo, além de ser a religião oficial do Estado Imperial, fazer esse tipo de comparação era uma forma de insultar comicamente o destinatário.

¹⁹ IZECKSOHN, Vitor. *A Guerra do Paraguai*, in *O Brasil Imperial, vol II: 1831-1870*/ Org: Keila Grinberg e Ricardo Salles. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

“Correio da Semana Illustrada
Assunção, 15 de Outubro de 1865.

Compadre Satanás.

Semeiei ventos e ando a colher tempestades. A semente foi ótima, mas a colheita está excedendo às minhas previsões; não tenho mãos a medir.

Esfregas repetidas e algumas sovas de raspar o couro e cabelo, tem me atrasado na correspondência, que encetei e desejava manter com o compadre, tanto para amenizar o espírito como no interesse de marchar seguro no caminho da glória e renome, a que me balancei provocando luta contra três nações...

Compadre, as coisas boas, boas não estão; já vi o negócio melhor parado.

Não tenho quem me ajude; me vejo cercado de estúpidos e selvagens.

Robles é um tolo, lerdo como a preguiça.

Barrios é um bruto que, quando digo -mata- acrescenta imediatamente -esfola.

Resquin é menos mau, mas tem excessos de brandura. Veja só que bolas!

O Duarte, besta de carga, deixou-se mangar e está comendo e bebendo a rir de mim.

Estigarríbia... oh! ... Ignorante e presunçoso, foi editor da paródia burlesca de Leônidas e Termópilas; arremeteu à guisa de leão, orneou, escoicecou e recuou a modo de completo sendeiro.

Consta-me que anda pelo Rio de Janeiro à procura de jardins, excitando a curiosidade dos moleques e bem apatacado, tirando sempre de si para por em mim.

Já o mandei declarar traidor, arrasar-lhe a casa e por-lhe sal no quarto de dormir, assim como tenho tudo disposto para que, tarde ou cedo, se lhe passe a gravata colorada em galardão das gentilezas, que está praticando.

Robles, Telmo e mais uma dezena de patetas estão às vésperas de dançarem na corda bamba. Ponha de lá o óculo, compadre, que o espetáculo há de ser interessante.

O padre Duarte, meu diretor de consciência, cedeu como um poltrão e os Salvanachs²⁰, em que nunca depusitei fé, entregaram-se ao Brasil...

Estou ou não em apertos, meu compadre?

Creio que sim.

Não me deixe, pois, na ocasião em que tanto necessito de seus conselhos.

Possuo ainda o meu Humaitá, é certo; mas os inimigos têm encouraçados e meu reduto é um almoço para esses monstros de escamas impenetráveis.

Valha-me, compadre.

Invente um, dois, três generais que entendam do riscado; troco por eles todos os que tenho e que lhes mandarei degolados, sem exceção do cunhado Barrios, o mais estúpido dos paraguaios. Se achar pequena a remessa, posso ainda enviar-lhe alguns coronéis de se lhes tirar o chapéu.

Há tanto diabo nesse vasto reino, que não lhes faz falta brindar-me com uma legião pelo próximo pacote do Estiges.

Dê lembranças a meu pai e ao Dr. Francia assim como todos os amigos de lá que perguntarem pelo

De V. Tenebrosidade compadre e fiel amigo obrigado
D. Solano López.”²¹

²⁰ Não encontrei sinônimos ou o significado para esta palavra.

²¹ *Semana Illustrada*, No 256, 5 de Novembro de 1865.

Como o texto acima, que consta na primeira página do semanário do dia 5 de Novembro de 1865, o qual se propõe a ser uma carta de Solano López para um compadre, o seu amigo Satanás. Nela, ele diz estar cercado de ignorantes, rasgando reclamações aos seus generais, em especial Estigarribia, além de pedir para que seu amigo Satanás não deixe de dar-lhe conselhos e, se possível, enviar uns dois ou três generais que entendam de guerra.

López estar cercado de ignorantes não faz dele o mais sábio dentre seus comandados, o texto insulta-o como o mais ignorante de todos, pois apresenta um marechal incapaz de reconhecer a própria incompetência em liderar, descontando em todos os seus subordinados os erros militares que ele próprio comete. A imagem de Solano López demoníaco aparece de maneira mais destacada com esta carta, principalmente no momento em que ele tenta barganhar com Satanás: ele trocava a vida de seus comandados, de seus melhores generais e coronéis, por outras que Satanás pudesse mandar em troca. O texto rebaixa-o, pondo-o numa posição de inferioridade implorando por ajuda àquele que, na crença católica, só faz trapacear e trair: o diabo.

O catolicismo era a religião oficial do Estado Imperial, as pessoas eram registradas junto às paróquias de suas freguesias, isto é, os registros que hoje temos a partir de um órgão estatal, durante o Império, era feitos pelas paróquias - registro de batismo, casamento etc. Isso é um reflexo do quão inserida na estrutura de governo e social a Igreja Católica estava no Brasil, àquela época²². Portanto, retratar Solano López como um demônio, alguém que barganha com Satanás e o trata como seu compadre, tem um poder persuasivo de torná-lo, facilmente, alguém a ser execrado pela sociedade brasileira da época.

Publicado pouco antes desse número da *Semana*, o *Correio Mercantil* no dia 30 de Outubro de 1865, deu amplo destaque ao Paraguai em sua primeira página. Em sua coluna voltada para notícias vindas de fora do Brasil, chamada *Exterior*, o jornal continua a contar a história política paraguaia - uma narrativa que havia iniciado em números anteriores. Trazendo fatos do governo de José Gaspar Rodriguez de Francia, passando por Carlos López e como isso tudo influenciou no governo de Solano López.²³ O texto caracteriza o povo

²² DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. 2ª edição, 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

²³ José Gaspar Rodriguez de Francia foi eleito ditador perpétuo do Paraguai em 1816, o qual governou até 1840. Carlos López ocupou o cargo de Cônsul do Paraguai, de Março de 1841 até Março de 1844, quando foi eleito o primeiro presidente do país; onde ficou até sua morte em 1862. Foi sucedido pelo seu próprio filho Francisco Solano López, por meio de um decreto. O século XIX, no Paraguai, foi marcado, sequencialmente, por uma série de governos autoritários, ditatoriais e personalistas.

paraguaio como “sumamente dócil e talhado maravilhosamente para a escravidão”, por conta disso, fora extremamente fácil para que Carlos López, pai de Solano, transformasse o Paraguai em “um patrimônio para seus descendentes”.

Narrando criticamente a trajetória política de Solano López, põe como prova do despotismo de seu pai, tê-lo nomeado general aos 23 anos e embaixador paraguaio na Europa, mesmo sem ter passado por nenhuma academia de estudos militares ou diplomáticos. O *Correio Mercantil* responsabiliza Carlos López pela Guerra, em certa medida, pois vê culpa na estadia de Solano na Europa, durante alguns anos da década de 1850, que o teriam feito cultivar suas qualidades despóticas:

“Observou D. Solano López as precauções tomadas pelos soberanos contra os povos no intuito de consolidar as dinastias; presenciou os rigores exercidos contra os partidos, viu a polícia velando por toda a parte, a imprensa muda; e daí concluiu que para qualquer poder eram estas as condições indispensáveis. Comparou na imaginação a modesta, a triste e silenciosa habitação de seu pai com esses palácios adornados de ouro e transbordando luz, e regressou ao Paraguai sonhando com os inumeráveis exércitos que vira desfilar no campo de Marte saudando o chefe de estado; distribuiu pelos seus amigos uniformes agaloados de ouro iguais aos que trajavam os ajudantes de campo na côrte do imperador dos franceses; sobre o próprio ostentava as condecorações que á de uso conceder a todos os embaixadores; em conclusão, regressou devorado pela ambição e disposto a tudo para conquistar o poder. O velho Lopez calculara bem: a viagem à Europa produzira o efeito que ele desejava...

A dinastia dos López estava fundada.

Criado na escola de seu pai, D. Solano López adoptou-lhes as doutrinas, e as pratica; crê piamente na necessidade das repressões bárbaras e na do medo, indispensável à autoridade para conservar todo o prestígio. Inaugurou o seu reinado à vingança.”²⁴

Essa postura do *Correio Mercantil*, caracterizando o povo paraguaio como um povo submisso, manso e afeito ao autoritarismo, e seu governo republicano como um reinado despótico, não era inocente. O governo brasileiro, monárquico parlamentarista e escravista, se via cercado de repúblicas, que poderiam vir a ameaçar a integridade do próprio sistema de domínio imperial.²⁵ O discurso governamental era contra tais formas de governo, colocando-se como o bastião da civilização, em meio à bárbaras e desorganizadas republiquetas. Os jornais, de certa forma, reproduziam esse discurso, uma vez que eram ligados às elites urbanas e vendiam seus exemplares aos próprios membros das elites. Uma das formas de reforçar a legitimidade de guerra e de incentivar o apoio à mesma, era o discurso de que o Brasil estaria em uma missão civilizadora no Rio da Prata, libertando os

²⁴ *Correio Mercantil*, No 296, 30 de Outubro de 1865.

²⁵ DORATIOTO. Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai* - São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

paraguaios da vil tirania de López.²⁶ É o que mostra Vitor Izecksohn²⁷, afirmando que a forma como a economia no Paraguai era dirigida - centralizadora pelas mãos do Estado - além da composição étnica majoritariamente indígena; tais características eram interpretadas como inferiores pelo governo e pela sociedade brasileiras. O Brasil, com um sistema político monárquico, parlamentarista e constituinte, cuja economia de agro-exportação voltada para o mercado internacional, era visto pelas próprias elites do país como o modelo moderno de Estado a ser seguido, em total contraste com o Paraguai. O autor enfatiza que essa visão reforçou “a missão civilizatória do governo imperial e o papel regenerador da Guerra do Paraguai”²⁸, sendo dever dos brasileiros defender a honra da Nação, que havia sido ultrajada pelo ataque paraguaio, expulsar os inimigos do território nacional e levar até a república guarani, as conquistas que Brasil obteve por seguir os verdadeiros modelos de civilização.

Vitor Izecksohn também se utiliza de um trecho do editorial da *Semana Illustrada*, publicado no dia 25 de Dezembro de 1864, como amostra da reação na imprensa ao ataque que o Paraguai havia empreendido no Mato Grosso há pouco tempo; no qual a revista caracteriza o ataque como um ato “da mais feroz selvageria”, que maculava a “integridade do Brasil”. A *Semana Illustrada*, com esta descrição, deixa clara que ela compreendia e defendia que o Brasil deveria levar a civilização ao Paraguai, pois ela, além de caracterizar o governo de Solano López como bárbaro e despótico, diz que é também indigno de “reger os destinos de algum povo neste século onde impera só a luz da razão cultivada”. Querendo dizer, implicitamente que, enquanto o Paraguai estaria fora de seu tempo, o Brasil segue alinhado com a modernidade vigente.²⁹

1.2 - Um fujão amedrontado (Junho de 1865 - Dezembro de 1868)

No dia 11 de Junho de 1865 ocorre uma das principais batalhas da guerra, A Batalha Naval do Riachuelo. A débil força fluvial dos paraguaios foi destruída pela Esquadra

²⁶ SOUZA, Karen Fernanda Rodrigues de. As cores do traço: paternalismo, raça e identidade nacional na *Semana Illustrada* (1860-1876). 2007. 187p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/278786>

²⁷ IZECKSOHN, Vitor. *A Guerra do Paraguai*, in *O Brasil Imperial, vol II: 1831-1870*/ Org: Keila Grinberg e Ricardo Salles. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

²⁸ IZECKSOHN, Vitor. *A Guerra do Paraguai*, pg 396 e 397, in *O Brasil Imperial Vol II: 1831-1889*/ organização Keila Grinberg e Ricardo Salles - Rio de Janeiro, Ed: Civilização Brasileira, 2009.

²⁹ IZECKSOHN, Vitor. *A Guerra do Paraguai*, in *O Brasil Imperial Vol II: 1831-1889*/ organização Keila Grinberg e Ricardo Salles - Rio de Janeiro, Ed: Civilização Brasileira, 2009.

Imperial, comandada pelo almirante Tamandaré. Ela é um importante marco para os estudos sobre a Guerra do Paraguai, consequentemente para este trabalho, porque ela foi a primeira grande vitória do Brasil e dos aliados na guerra.

O *Correio* trazia a narrativa histórica de como Solano tornara-se o tirano que a população brasileira e os soldados viam nele, enquanto a *Semana* reforçava essa imagem, retratando-o como um ignorante completo e crente no diabo. Uma vez que o público consumidor de jornais na corte era consideravelmente restrito, por conta do pequeno número de alfabetizados, em relação a população total da província e com dinheiro para consumir tais luxos, os leitores do *Correio Mercantil* também tinham acesso ao conteúdo da *Semana Illustrada*, mesmo que através da leitura de terceiros; o público leitor de jornal compartilhava e comparava entre si os materiais que consumiam. Enquanto um jornal os trazia notícias e descrições isentas de humor, o outro os divertia aos finais de semana. Os editores da *Semana* liam e sabiam o que as publicações diárias da cidade estavam escrevendo, comentavam sobre os correspondentes de guerra uns dos outros, dialogavam e criticavam-se.³⁰

Em se tratando de imagens, que era o principal diferencial da *Semana Illustrada*, no mesmo número da carta ao diabo apresentada anteriormente, a *Semana* retrata o presidente paraguaio como um fujão ganancioso. López amedrontado, fugindo dos exércitos da Tríplice Aliança com o dinheiro e pertences que lhe restavam.

³⁰ TORAL, André Amaral de. *Imagens em desordem: a iconografia da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Humanitas, FFLCH, USP, 2001.

SOUZA, Karen Fernanda Rodrigues de. *As cores do traço: paternalismo, raça e identidade nacional na Semana Illustrada (1860-1876)*. 2007. 187p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/278786>



Lopez e as suas fúrias da triplice aliança.

Semana Illustrada, No 256, 5 de Novembro de 1865. Na legenda da caricatura diz: “López e suas fúrias da tríplice aliança.”

As caricaturas que a *Semana Illustrada* produzia dialogavam com os textos do próprio número em que eram publicadas, com alguma crônica de um número anterior, ou até mesmo com o contexto falado pelas pessoas e pelos jornais no momento da publicação. É este o caso da imagem acima. Quando esta caricatura foi publicada, em Novembro de 1865, os aliados já haviam tomado a ofensiva na guerra, os combates não mais estavam sendo travados em território brasileiro e argentino, mas sim no próprio Paraguai. O Brasil já havia recuperado a cidade de Uruguaiana, no Rio Grande do Sul - que havia sido conquistada e saqueada pelas forças do coronel Estigarribia, onde lá se entocou -, o general paraguaio Paunero já havia se retirado da província argentina de Corrientes e, em 11 de Junho de 1865, ocorrera o que foi a primeira grande vitória brasileira no conflito, a Batalha Naval do Riachuelo. A grande consequência desta batalha foi possibilitar o bloqueio do estuário do Rio da Prata para as embarcações mercantis paraguaias, impossibilitando o comércio do inimigo com o exterior, tornando quase nula a capacidade do Paraguai de repor os recursos para manter seu esforço de guerra.

No mesmo contexto, após as vitórias brasileiras em Uruguaiana e no Riachuelo, e das vitórias argentinas em Corrientes, a *Semana Illustrada* publica na capa de sua edição do dia 27 de Agosto de 1865, uma caricatura com seus dois personagens narradores, o Dr. Semana e

o Moleque, abalroando Solano López com navios em suas mãos. O déspota paraguaio cai atemorizado e, atrás dele, está o grande alvo a ser conquistado pelas forças aliadas, o epicentro da defesa paraguaia, que lhes garantia a navegação e o controle sobre o rio Paraguai: a fortaleza de Humaitá.



Semana Illustrada, No 245, 27 de Agosto de 1865.

A legenda da caricatura diz: “Em remuneração das muitas finezas que o Brasil têm recebido do Paraguai, a armada e o exército brasileiro pretendem dar, muito em breve em Humaitá, um baile ao marechal Solano López. Nessa festa há de haver muita profusão de balas de estalo, de bombons em bandejas encouraçadas, de foguetes, depois várias contradanças, valsas e polkas, para as quais já estão convidados os necessários pares. Há de terminar tudo com o fogo natural, modelado pelo incêndio de Tróia. López presta-se a arremedar Heitor. Aquiles não faltam ao exército e à armada do Império.”

Tal texto é interessante não só pela ironia presente, que é o que dá o tom da comicidade da imagem, mas por deixar aparente a forma pela qual uma revista, que defenderia a neutralidade, o seu posicionamento em relação às questões políticas do seu

tempo presente. Após o segundo semestre de 1865, apesar das vitórias brasileiras em Uruguiana e no Riachuelo, os ânimos da população com o alistamento e à guerra estavam arrefecendo. Mesmo com as vitórias, chegavam à corte notícias sobre as condições de vida dos soldados nos acampamentos, que morriam aos montes de enfermidades, principalmente desintéria, mal abrigados e alimentados, além do alto número de mortandade nos combates. Os possíveis voluntários, começaram a ponderar que valia mais a pena permanecer nas cidades, do que tentar a sorte na guerra, arriscando sofrer um grave ferimento ou morrer. A guerra se arrastava para além do que a população poderia tolerar. Para tentar manter o fluxo de soldados para o teatro de operações, o governo imperial começou a alistar compulsoriamente a população masculina, o que rendeu duras críticas ao governo, dentre outras razões, por estar intervindo na vida privada dos cidadãos. Para tentar fugir do recrutamento, indivíduos recorriam a redes de poder locais, funcionários influentes ou que, por possuírem algum cargo ligado ao governo e o recrutamento, poderiam se utilizar de sua autoridade para livrar outros homens. Subornos, atos de corrupção e fuga em massa da população masculina, para evitar o recrutamento forçado, passaram a ser muito recorrentes.³¹

A opinião pública sobre a guerra, conseqüentemente também sobre recrutamento e outros efeitos que surtiem na sociedade a partir dela, dependiam dos resultados que as Forças Armadas brasileiras obtivessem no campo de batalha. Tal ponto será melhor desenvolvido no próximo capítulo deste trabalho, mas, de uma maneira geral, em momentos que o Brasil e os aliados conseguiam obter vitórias em sequência, a opinião pública dava uma guinada positiva frente às vitórias. Em contrapartida, quando a guerra se estagnou, como durante quase todo o ano de 1867, as críticas negativas tornavam-se mais frequentes.³²

Como foi demonstrado na Introdução deste mesmo trabalho, de acordo com a tese de mestrado da historiadora Karen Fernanda Rodrigues de Souza, intitulada *As cores do traço: paternalismo, raça e identidade nacional na Semana Ilustrada (1860-1876)*, a *Semana* possuía um perfil conservador, alinhada ao Imperador acima de tudo. Estando os personagens Dr. Semana e Moleque “em missão civilizadora nos trópicos”, os editores da revista se

³¹ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai* - São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

TORAL, André Amaral de. *Imagens em desordem: a iconografia da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Humanitas, FFLCH, USP, 2001.

IZECKSOHN, Vitor. *A Guerra do Paraguai*, in *O Brasil Imperial, vol II: 1831-1870*/ Org: Keila Grinberg e Ricardo Salles. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

³² TORAL, André Amaral de. “Guerra de imagens: a imprensa ilustrada entre 1864 e 1870”, pg. 61, in *Imagens em desordem: a iconografia da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Humanitas, FFLCH, USP, 2001.

utilizando deles, apresentavam suas preocupações com a formação nacional brasileira, a construção de uma nação civilizada aos moldes europeus, propósitos que estavam de acordo com aquilo que o governo imperial e a guerra representavam no momento.

Mas a *Semana* também não deixava de fazer críticas. Em 1868, quando todos esperavam há tempos pelo fim da guerra, ela publicou a seguinte caricatura; soldados brasileiros com lanternas, procuravam por Solano López no escuro. Este, se escondia assustado atrás de uma rocha. Quando publicada, a Esquadra Imperial já havia conseguido ultrapassar a Fortaleza de Humaitá, feito que ocorreu no dia 19 de Fevereiro de 1868 e foi muitíssimo celebrado e elogiado na mídia, Assunção já havia sido atacada. Portanto, para concluir a guerra, bastava capturar Solano López.

No começo da guerra, López amedrontava com seus ataques e avanços pelos territórios argentinos. Jornais como a *Semana* recorriam à sátira para diminuir o alçoz, tornando-o menos perigoso e passível de ser derrotado aos olhos do público, caricaturando-o como um ignorante e amigo do diabo, López era demonizado. Porém, a medida que a guerra foi avançando e os Aliados obtendo vitórias consecutivas, o inimigo foi perdendo a sua periculosidade. Desde 1866, López ainda era visto como um ditador e governante despótico cruel, mas o temor, por parte dos brasileiros em torno de sua figura, foi se enfraquecendo. No lugar do demônio López, surge na *Semana Illustrada* e nas descrições dos jornais como o *Correio Mercantil*, o amedrontado López.



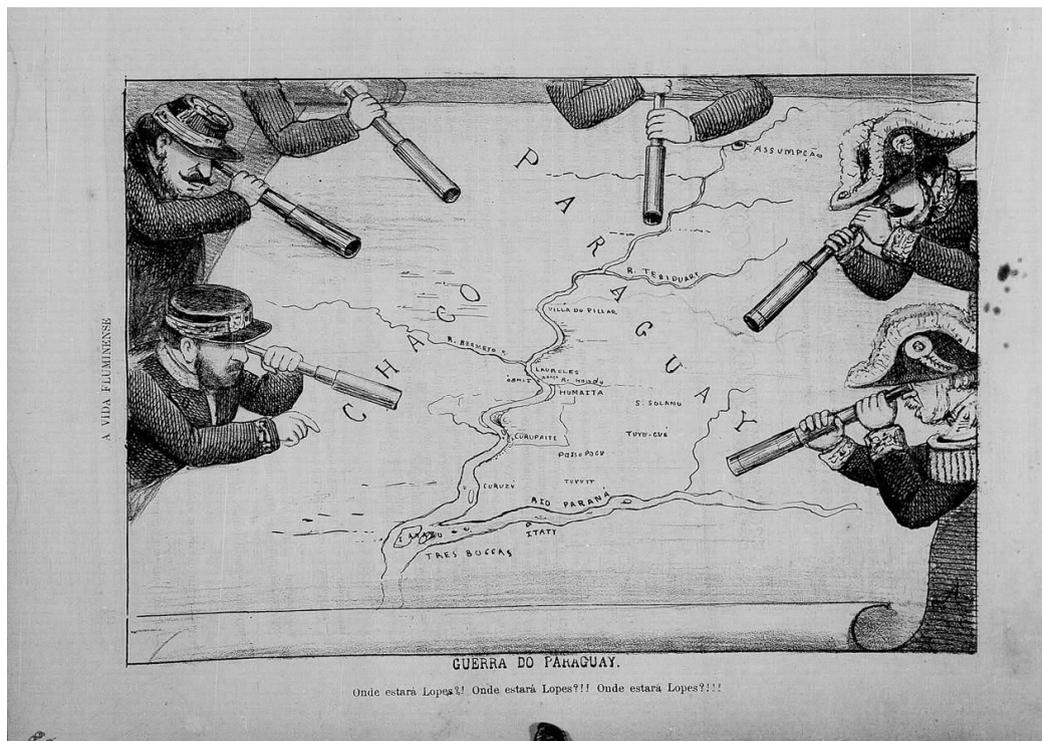
Onde estará o Lopez?

Semana Illustrada, No 379, 15 de Março de 1868.

Há uma mudança que pode ser percebida na retratação do vilão Solano López. Se ele não deixava de ser retratado como um algoz, passava a ser um inimigo menos temeroso. A caricatura acima, demonstra essa mudança de percepção, mas também deixa aparente o tom da crítica da *Semana Illustrada* à Guerra do Paraguai. Para a revista, a questão não eram os motivos ou a validade do conflito, este deveria sim ser travado e vencido pelo Brasil, mas a sua demora. Ao mesmo tempo que López é um fujão medroso, os soldados e o Exército mostrando-se menos capazes que o esperado para encontrá-lo. Isso é retratado pelos soldados que, mesmo segurando lanternas, não conseguem ver onde o déspota paraguaio está.

A Vida Fluminense é o segundo jornal que utilizo como fonte neste trabalho, surge para dialogar com a *Semana Illustrada* em 1868. Como explicitado na Introdução, essa revista também tinha o intuito de ser isenta, neutra, para atingir um grande número de compradores dentre as elites. Porém, é possível perceber para onde a revista direcionava suas críticas, a partir das suas caricaturas. Angelo Agostini, o principal caricaturista da revista - que após ser contratado pelo Arlequim, muda a proposta do semanário, para criar *A Vida Fluminense* -, que em seus trabalhos anteriores na cidade de São Paulo fora muito mais incisivo ao criticar o governo imperial, ao se transferir para a Corte e para um jornal com uma proposta mais leve, não deixou de expor as atitudes que ele percebia como equivocadas por parte do governo.

No mesmo contexto da guerra, em que o Paraguai e Solano López não mais eram uma grande ameaça e sua derrota era questão de tempo e esforço dos exércitos brasileiros, *A Vida Fluminense* retratou o déspota paraguaio como um encurralado, que temia pelo próprio futuro e se escondia. A perseguição a López vai marcar profundamente a forma como ele era caricaturado.



A Vida Fluminense, No 15, 11 de Abril de 1868.

A caricatura acima publicada pela *A Vida Fluminense*, é da mesma época da anterior, feita pela *Semana Illustrada*, a primeira fora feita um mês antes da outra, portanto, o contexto político em que se encontravam era o mesmo. Analisando ambos os desenhos, é possível perceber que ambas tratam do mesmo assunto, mas de formas distintas.

Na da *Semana Illustrada*, os personagens são soldados brasileiros anônimos e Solano López, escondido atrás de uma rocha. Na *Vida Fluminense*, só estão presentes o Marquês de Caxias, ao lado de outros oficiais, e López sequer aparece. Juntamente, a legenda mostra uma progressão no questionamento “Onde está López?!”, que vai se tornando mais intenso à medida que acrescentam mais pontos de exclamação à questão. Os dois desenhos tratam do mesmo assunto: o exército não conseguir encontrar o marechal paraguaio, porém, comparando a forma como cada revista o faz, é revelada a direção da crítica.

A *Semana*, como dito antes, suavemente e velada, reprova a demora para encontrar Solano, é uma crítica leve. Enquanto *A Vida Fluminense* aponta para os responsáveis: os oficiais das forças militares, em especial o Marquês de Caxias. *A Vida Fluminense*, quando se apresenta à corte em 1868, a *Semana Illustrada* já é o principal semanário humorístico

ilustrado do mercado. Inúmeras vezes, *A Vida Fluminense* criticou a forma como a *Semana* noticia os fatos, mas também a postura com a qual os fazem.

Na caricatura acima, *A Vida Fluminense* revela sua crítica também aos militares brasileiros, que fracassam em conseguir encontrar o marechal paraguaio, causando indignação progressiva. O tom das críticas da *Semana Illustrada* eram sempre mais pacientes e complacentes com a demora para a guerra terminar, com o alistamento, diferentemente do que Agostini fizera nos seus jornais de São Paulo.³³

A partir da chegada do Marquês de Caxias, os exércitos aliados e brasileiros passam de fato a emplacar muitas vitórias. Toda a reestruturação dos exércitos durante o ano de 1867, desgastados pelas campanhas ofensivas dos anos anteriores, a ultrapassagem e captura de Humaitá em 1868 e a campanha militar de Dezembro de 1868, a chamada Dezembrada, que terminou de derrotar o que restava do exército regular paraguaio; todas essas conquistas militares brasileiras foram obtidas após a chegada de Caxias e sob o seu comando tático.³⁴ *A Vida Fluminense* o apontava como responsável pela demora na captura de Solano uma vez que era ele o comandante em chefe das forças aliadas no Rio da Prata, era Caxias o responsável de fato por todas as operações militares, desde Fevereiro de 1867. Porém, López escapar-lhe ia além dos seus êxitos, há mérito do próprio López em realizar fugas bem sucedidas.

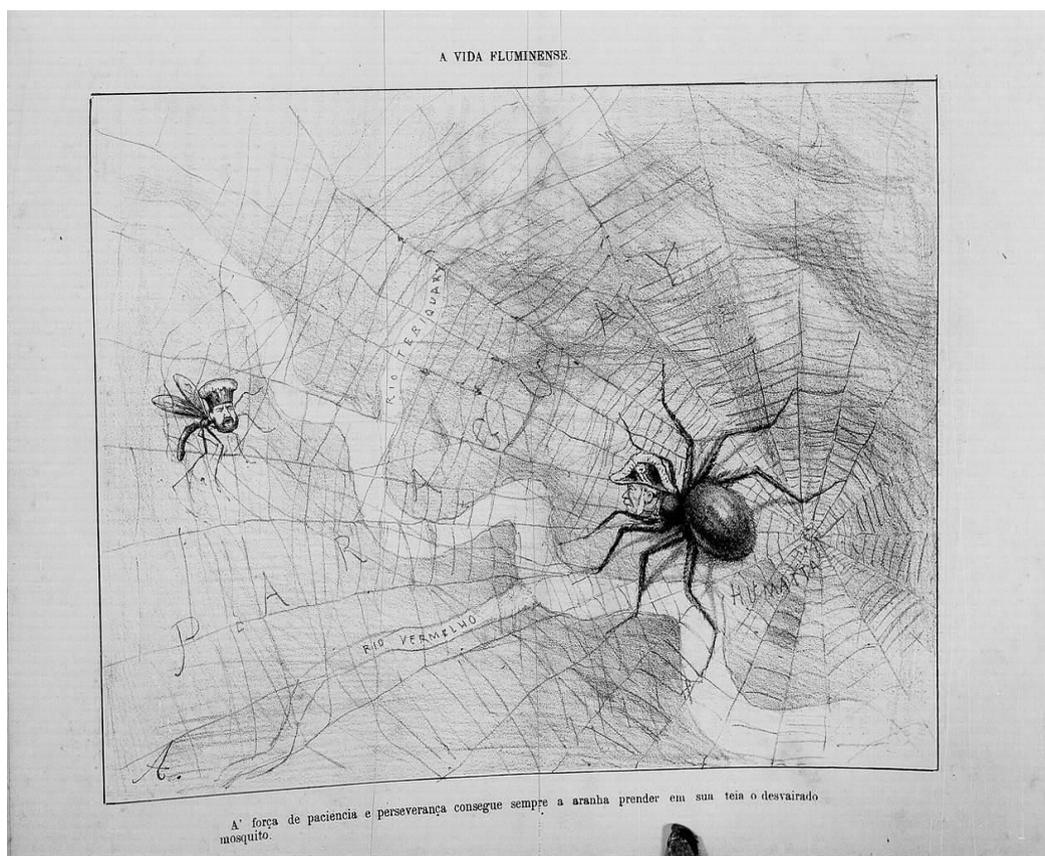
Portanto, *A Vida Fluminense* era mais assídua nas críticas à duração da guerra, mas ela acompanhava a mudança de retratação de Solano López, por parte da *Semana Illustrada*. Ela adere a forma de caricatura-lo como uma criatura encurralada, com medo da própria captura pelos generais brasileiros.

³³ BALABAN, Marcelo. “O poeta do Lápis. Sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)”. Campinas SP, Editora Unicamp, 2009.

³⁴ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai* - São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A Batalha do Avaí*. Ed: Sextante, Rio de Janeiro, 2013.

IZECKSOHN, Vitor. *A Guerra do Paraguai*, in *O Brasil Imperial, vol II: 1831-1870*/ Org: Keila Grinberg e Ricardo Salles. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.



A Vida Fluminense, No 39, 26 de Setembro de 1868. Na legenda da caricatura diz: “À força da paciência e perseverança consegue sempre a aranha prender em sua teia o desvairado mosquito.”

Por não ter sido fundada no começo da guerra - somente em 1868 - e os trabalhos anteriores de Angelo Agostini terem uma proposta jornalística diferente, não afirmo que caso a revista já existisse enquanto projeto em 1865, se ela faria as mesmas caricaturas demonizando López como fez a *Semana*. Mas, por querer adentrar no mercado da mídia impressa e competir com a sua principal concorrente e mais lida revista ilustrada da corte, a *Semana Illustrada*, *A Vida Fluminense* assimila a forma de retratar o líder paraguaio da concorrente.

A imagem anterior é bastante clara. Caxias, retratado como uma aranha, prendeu Solano López em sua teia de táticas e estratégias. Este, por sua vez, é desenhado com o corpo de um inseto pequenino, incapaz de resistir ou influenciar no desfecho que lhe aguarda: cair nas presas da aranha. O marechal brasileiro está sobre Humaitá, que é o centro de sua teia e de onde ele fisicamente parte para conseguir capturar López. Quando esta caricatura foi publicada pela *Vida Fluminense*, Humaitá já havia sido atacada e tomada pelas forças brasileiras, em Julho de 1868.

Assim como na capa da *Semana Illustrada* anteriormente analisada, em que Solano López aparece sendo abalroado pelo Dr. Semana, neste desenho d'*A Vida Fluminense* há otimismo. Mesmo a primeira sendo de Junho de 1865 e a segunda mais de três anos depois. As formas como uma retratou a derrota paraguaia no Riachuelo e a outra em Humaitá, transmitem satisfação com o desfecho dos combates e confiança de que a derrota do déspota paraguaio nas mãos do exército brasileiro se aproxima.

Na capa da *Semana*, López está em plena queda, no ar, sem perspectiva de conseguir se pôr de pé novamente. Essa foi a leitura que muitos brasileiros fizeram ao saber da vitória brasileira no Riachuelo e que a revista concretizou ao pô-la no papel, através de uma caricatura. No desenho da *Vida Fluminense*, o otimismo se traduz de maneira mais clara: Caxias encurralara López, sem nada entre os dois que pudesse proteger o presidente paraguaio. Caxias só precisava ir na direção de seu alvo, sem obstáculos, para pegá-lo. As duas ilustrações mostram que o fim do inimigo estaria próximo, porém, a guerra só acaba de fato em Março de 1870

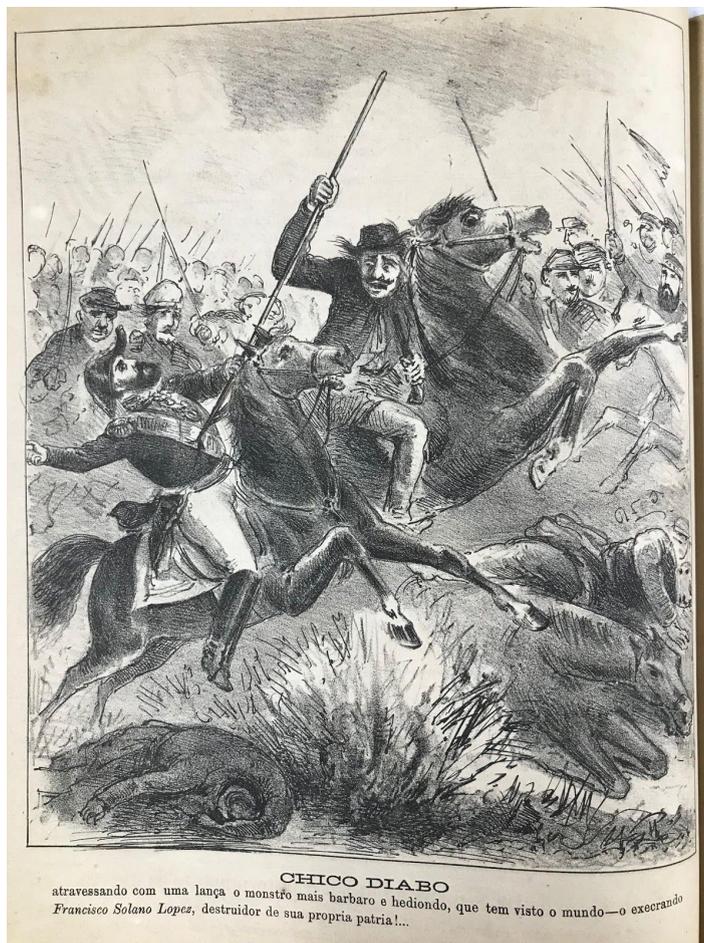
1.3 - O derrotado (1870)

A competição pela preferência do público entre essas duas revistas produziu uma forma semelhante de como se deveria retratar o déspota paraguaio, durante os anos de guerra. No começo do conflito, López era um demônio que causava medo e tensão nos brasileiros, espanto pelas conquistas militares de seus exércitos no Mato Grosso, Rio Grande do Sul e em Corrientes, na Argentina. Porém, quando os exércitos aliados começaram a ditar os rumos da guerra com sucessivas vitórias, a partir de Agosto de 1866 e durante o ano de 1868, principalmente na campanha da Dezembrada, adentrando cada vez mais no território paraguaio, a ameaça de López e seu país foi se tornando cada vez menos amedrontadora.

Nos dois últimos anos da guerra, 1869 e 1870, os jornais passaram a dar menos espaço para as notícias vindas do Rio da Prata. Continuava-se noticiando as tentativas de captura do presidente paraguaio, mas eram mais atualizações de uma condição que se manteve durante esses dois anos: os combates já haviam acabado, só era preciso capturar López.³⁵

³⁵ TORAL, André Amaral de. "Guerra de imagens: a imprensa ilustrada entre 1864 e 1870", in *Imagens em desordem: a iconografia da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Humanitas, FFLCH, USP, 2001.

Quando finalmente López é alcançado e morto pelas tropas brasileiras no dia 1º de Março de 1870, a notícia da queda do déspota tomou conta dos jornais e voltou-se a falar da Guerra do Paraguai, agora do seu desfecho. A *Semana Illustrada* fez uma caricatura que ficou bastante famosa, não só pela popularidade que a revista tinha, alcançado um bom número de pessoas, mas porque talvez tenha sido uma das primeiras imagens do fato que chegou ao público. Eles desenharam o cabo Francisco Lacerda - o Chico Diabo - perfurando o déspota com sua lança.³⁶



Semana Illustrada, No 485, 30 de Março de 1870. Na legenda da caricatura diz: “Chico Diabo atravessando com uma lança o monstro mais bárbaro e hediondo, que tem visto o mundo o execrando Francisco Solano López, destruidor de sua própria pátria!...”

³⁶ Francisco Doratioto descreve como foi o episódio da morte de Solano López: “Em 1º de Março de 1870, a cavalaria e a infantaria brasileiras entraram em Cerro Corá e houve feroz luta contra duas ou três centenas de soldados paraguaios. Solano López tentou fugir a galope, mas era facilmente identificável - era o único gordo em um Exército de esqueletos -, e na fuga foi alcançado e ferido mortalmente por um golpe de lança dado pelo cabo Francisco Lacerda, conhecido por Chico Diabo. O ditador acabou por cair nas margens do arroio de Aquidabán, recostado sobre o braço esquerdo, com a espada na mão direita, os pés dentro d’água e o corpo sobre o terreno pouco elevado da margem esquerda do arroio. Nessa posição ele foi encontrado pelo general brasileiro, que o intimou a render-se, mas que obteve como resposta a frase: “não lhe entrego a minha espada; morro com a minha espada e pela minha pátria”.” (DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. “A caça a Solano López”, pg 451, in *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. 2ª edição, 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.)

López, desta vez, não está com o rosto figurado pelo medo, mas sim de alguém que, no momento que a lança o atinge, já havia padecido. Seu rosto traz uma expressão de quem já estava morto. A legenda mantém a descrição demonizante, descrevendo-o como “o monstro mais bárbaro e hediondo, que tem visto o mundo o execrando Francisco Solano López, o destruidor de sua própria pátria!...”.

Tal caricatura foi publicada no dia 30 de Março. Quatro dias antes, *A Vida Fluminense* publicara dois retratos falados, de Solano López e sua esposa madame Lynch. Após a morte de López, a revista se empenhou em levar para seus compradores, os rostos dos líderes algozes do Brasil naquela guerra, havendo antes também divulgado os retratos dos pais de Solano, Carlos López e sua esposa Joanna Paula.



A Vida Fluminense, No 117, 26 de Março de 1870.

À primeira vista, pode parecer que *A Vida Fluminense* estivesse tendo respeito para com o inimigo derrotado, trazendo a imagem fidedigna de seu rosto, sem caçoa-lo, mostrando realmente quem era aquele que o Brasil enfrentou nos últimos cinco anos de guerra. Porém, como dito antes, *A Vida Fluminense* tentava assumir o lugar de folha ilustrada mais popular da corte, tentava conquistar o espaço da *Semana Illustrada*. A revista fazia isso

desmerecendo a concorrente. Como ilustrado e analisado na introdução deste trabalho, constantemente, ilustravam o Dr. Semana e o Moleque em suas caricaturas tendo pesadelos com *A Vida Fluminense*, até mesmo como se fossem capachos do Imperador. Inúmeras crônicas e desenhos foram produzidos, diminuindo a qualidade jornalística da *Semana*.

Seguindo esta mesma postura para com a *Semana Illustrada*, pondo em cheque seus informantes e correspondentes de guerra, o seu comprometimento com a fiel retratação dos fatos, diminuindo sua qualidade enquanto periódico, *A Vida Fluminense* comentou sobre a caricatura que esta fez sobre a morte de Solano López:

“*Post scriptum*. - A *Semana Illustrada* publicou um desenho, que representa o Chico Diabo matando López.

Eu queria só que me dissessem onde e como conseguiu a *Semana* o retrato do Chico Diabo. É desafio o colega a que o declare.

Nós costumamos ter em exposição em nosso escritório todos os retratos e croquis, por onde nos guiamos na confecção dos quadros da guerra, que distribuimos aos Srs. assinantes.

Pode a *Semana* fazer o mesmo?

Não pode, e tanto que apresentou o cabo rio-grandense ferindo em pleno peito o finado déspota paraguaio, que foge a cavalo, quando ninguém ignora que López foi morto por uma lançada *nas costas*, quando, fugindo a pé, tentava subir a barranca do rio!

É caçar muito com o público!”³⁷

A forma como cada revista tratou da morte de Solano López, se ligava assim à disputa que havia entre ambas pelo predomínio no mercado impresso ilustrado. A *Semana* manteve a forma que já a garantia como pioneira há anos, López, portanto, era o demônio caído.

A Vida Fluminense, acompanhou a transição da legenda do vilão, que a própria *Semana Illustrada* conduziu, descrevendo-o e retratando-o durante os últimos anos da guerra como uma criatura encurralada e amedrontada. Mas, por disputas comerciais, *A Vida Fluminense* optou por um caminho oposto ao da *Semana*, no momento de ilustrar a morte do vilão. O Objetivo d'*A Vida Fluminense* não era respeitar o algoz paraguaio, era fazer contraponto com aquela revista que era a principal no mercado de revistas ilustradas na época.

Solano López foi destaque na mídia impressa brasileira durante os anos da guerra. É notável que, nas publicações da mídia impressa do Rio de Janeiro, durante os anos do conflito, criticar e diminuir Solano López era fazer isso com todo o Paraguai. Uma vez que

³⁷ *A Vida Fluminense*, No 120, 16 de Abril de 1870.

ele era o supremo líder da Nação guarani, ao mesmo tempo o presidente vitalício e também seu marechal, a maior patente do exército paraguaio.

Citada na primeira parte deste capítulo, uma crônica do *Correio Mercantil* descreve a trajetória política do Paraguai, desde sua independência em 1811, cujo governo foi marcado por sucessivas ditaduras personalistas. Inicialmente com José Gaspar Rodriguez de Francia e depois com a família López, primeiro Carlos Antônio seguido de seu filho Francisco Solano. A crônica se encerra com a afirmação de que “A dinastia dos López estava fundada”. O Estado paraguaio seria, portanto, dinástico, sendo a vez da família López no poder. Em uma sociedade em que a oralidade e a escrita se complementam, essa narrativa estar publicada em um jornal demonstra que havia uma compreensão, por parte da população carioca, de que o Estado paraguaio seria uma propriedade privada nas mãos de seguidos líderes despóticos.

É consequência desta compreensão que, ao fim da guerra, López é tido, pelos brasileiros, como o único responsável pelo conflito e portanto vilão. Afinal foi ele quem deflagrou a guerra, ultrajando o Brasil, como vimos que os jornais colocavam na época. Se assim como seus antecessores ele era o responsável por tudo em seu país, já que governava sozinho, a decisão de atacar o Brasil, a Argentina e o Uruguai também teria sido pessoal. Frente a isso tudo, compreendemos o porquê do Dom Pedro II manter o esforço de guerra, mesmo sem seus países aliados e com seus principais generais, Osório e Caxias, desacatando ordens e indo embora do front - veremos isso no capítulo a seguir. A Guerra do Paraguai, para os brasileiros e o governo Imperial, não era contra a Nação guarani, mas sim contra seu déspota. Era ele o vilão a ser derrotado. As caricaturas da *Semana Illustrada* e da *Vida Fluminense* trazem para nós hoje, a concretude dessa interpretação que tanto o Estado quanto a sociedade brasileira à época fizeram.

Capítulo 2 – A legenda dos heróis: Osório e Caxias

No ano de 1949, uma Comissão Especial presidida pelo então vice-presidente da república Nereu Ramos, elaborou um programa de homenagens à memória do patrono do Exército Brasileiro, o Duque de Caxias. O último ato deste programa seria a transladação dos restos mortais do militar e de sua esposa, retirando-os do cemitério do Catumbi para um mausoléu público, um panteão que fora erguido na Praça da República, em frente ao edifício do antigo Ministério da Guerra - o Palácio Duque de Caxias. Fazia parte do programa de homenagens uma missa de corpo presente, com as urnas que continham os restos de Caxias e da duquesa, além de um grande desfile cívico, cujo itinerário foi publicado nos jornais da cidade.³⁸ O desfile foi organizado pelo comando da Zona Militar do Leste, tendo à frente o comandante do destacamento e seu Estado Maior. Atrás, um carro escoltado por motocicletas carregava as urnas mortuárias, seguidos de doze jipes, que carregavam objetos e condecorações que o marechal recebera durante sua carreira. A retaguarda do cortejo era guardada por um Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado. Na missa e na inauguração estiveram presentes muitos dos principais homens do governo, como o próprio presidente Eurico Gaspar Dutra e o ministro da guerra, o general Canrobert Pereira da Costa.

Toda esta cerimônia, que mobilizou amplos setores do governo federal, da prefeitura do Distrito Federal e das forças armadas, ocorreu no dia 25 de Agosto, data do nascimento de Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias. O Dia do Soldado, data em que se celebra o trabalho dos indivíduos que integram as três principais forças de defesa do país - Exército, Marinha e Aeronáutica - foi decretado para o mesmo dia, com o objetivo duplo de celebrar a memória individual do marechal, mas também de consolidar qual era o modelo de soldado a ser seguido e valorizado. O soldado ideal deveria se espelhar nas características ressaltadas em Caxias.

“Pacificar, conciliar, congraçar, eram verbos habituais na conjugação do excelso brasileiro, que se projetou na História como supremo artífice da concórdia e bastião estrênuo do dever. Entendia a política generosa da clemência e da justiça, que visava ao aproveitamento dos valores humanos, sem indagar dos forais do seu passado...”

No “Dia do Soldado”, em que celebramos o nascimento do maior dos servidores da unidade do Brasil, “ao pé do seu leito derradeiro”, descendo o olhar unguído de comoção e

³⁸ *Jornal do Brasil*, 25 de Agosto de 1949. “A Nação reverencia, no ‘dia do soldado’, a memória de um dos seus maiores cidadãos. Serão transladados, hoje, para o Panteão da Praça Duque de Caxias, os despojos do Condestável do Império - Instituições civis e militares prestarão expressivas homenagens ao Patrono do Exército - O Imponente cortejo cívico e a missa ontem celebrada na Cruz dos Militares”.

reverência, como quem se abebera da fonte do ensinamento cívico, para alteá-lo à amplidão que há de acompanhar o destino do Brasil, podemos repetir aquelas suas palavras de concórdia: “abracemo-nos e unamo-nos, para marchar, não peito a peito, mas ombro a ombro, em defesa da Pátria que é nossa mãe comum”.

Recolhemos à sombra deste “Panteão” as raízes do culto que nos redime no amor ao Brasil, fiéis à advertência do condestável, para marcharmos sempre, ombro a ombro, em defesa da Pátria comum.”³⁹

O texto acima é parte de uma matéria publicada pelo *Jornal do Comércio*, no dia 31 de Agosto de 1949, uma semana após a inauguração do Panteão de Caxias. A construção de um mausoléu busca perpetuar, para além dos restos mortais que o monumento salvaguarda, a memória coletiva que a sociedade tem daquele que é homenageado com o mausoléu. Isto é, construir uma tumba pública é deixar, concretamente, evidente para uma sociedade, quem deve ser lembrado.⁴⁰

A forma como o *Jornal do Comércio* noticiou o evento - isto é, atentando as palavras empregadas na redação da matéria, quais adjetivos foram utilizados, para quem o jornal busca se dirigir, qual o destaque da matéria dentro do volume publicado - nos permite analisá-la como um reflexo da maneira que a sociedade carioca contemporânea à inauguração do Panteão, interpretou o evento. Descrevendo Caxias como o “excelso brasileiro”, o “supremo artífice da concórdia e bastião estrênuo do dever”, demonstram que aquele jornal estava em consonância com a proposta governamental. O Estado brasileiro, erguendo um monumento a Caxias, destacando-o como aquele indivíduo que teria prezado pela unidade nacional acima de tudo, transfere para os cidadãos civis, não somente militares, o dever de se espelharem nas qualidades de Caxias, ou seja, o cidadão que o Estado brasileiro quer, naquele momento, é o cidadão leal à pátria. O *Jornal do Brasil* e o *Jornal do Comércio*, transmitem essa mesma mensagem, ao dar destaque ao evento em suas publicações e corroborar com a exaltação daquele homem do passado, o qual as pessoas do presente devem se inspirar.

Porém, se em meados do século XX, o Duque de Caxias aparece como um dos maiores heróis nacionais, digno de ter um Panteão público e promovido pelo governo federal;

³⁹ *Jornal do Commercio*, 31 de Agosto de 1949. “Semana de Caxias. As comemorações realizadas nesta Capital e nos Estados - Transladados, ontem, para o Panteão, os despojos do Condestável e os de sua esposa - Presentes à cerimônia o Sr. Presidente da República e altas autoridades. A entrega do Monumento ao Exército - Discurso do Sr. Prefeito do Distrito Federal - Agradecimentos do Sr. Ministro da Guerra - O cortejo e o desfile das tropas - Participações de esquadrilhas da Força Aérea Brasileira. Agradecimentos do 1º titular da pasta da Guerra à Associação Brasileira de Imprensa - As solenidades realizadas em Pinhal - Homenagem da Assembleia Legislativa do Maranhão - Outras notas”. Disponível em: memoria.bn.br

⁴⁰ LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”, in *História e Memória*. Tradução: Bernardo Leitão, 4ª edição, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.

após a Guerra do Paraguai e nos primeiros anos da República, havia outro personagem que foi heroicizado. Antes mesmo de Caxias, o general Osório era, quando acabou o conflito contra o país paraguaio, o maior herói militar da guerra, que mais exaltava os ânimos populares dos civis e dos próprios soldados. Em Janeiro de 1869, Caxias se retira da capital ocupada de Assunção e parte rumo a Montevidéu, de onde ele embarcaria para o Rio de Janeiro. Ele abandonou o posto de comandante-em-chefe das forças aliadas, o qual é passado para Conde d'Eu, marido da herdeira do trono imperial, a princesa Isabel. O militar escolhido pelo próprio conde para auxiliá-lo na busca por Solano López, foi Osório.⁴¹

Em 1894, no dia 12 de Novembro, foi inaugurada na Praça XV, no centro do Rio de Janeiro, uma estátua equestre do general Osório, em cuja base ficaram preservados os restos mortais do general. Erguida poucos anos após a Proclamação da República - 15/11/1899, quase exatos cinco anos depois - a estátua de Osório é um dos primeiros monumentos públicos inaugurados no novo regime. A escolha do local não é fruto do acaso. Imortalizá-lo na praça que celebra o dia da proclamação da nova forma de governo - que em 1894 ainda tentava se consolidar - diz muito sobre quem a recente República está escolhendo como herói nacional.

Tanto a estátua de Osório, quanto o Panteão de Caxias, cumpriam a mesma função: monumento de honra à memória de um indivíduo, considerado extraordinário pelo governo, que serviria de modelo para os demais cidadãos. Guardar publicamente os restos mortais dos militares, é uma forma de reforçar o caráter formador cívico do monumento. Ambas surtiram o efeito esperado, como mostram as matérias de jornal que noticiaram a inauguração do Panteão de Caxias - exemplificadas pelo *Jornal do Comércio* e *Jornal do Brasil* - e também uma das fotos tiradas no dia da inauguração da estátua do general Osório na Praça XV, a qual estava repleta de pessoas que foram presenciar o evento:

⁴¹ DORATIOTO, Francisco. *General Osorio: a espada liberal do Império*. - São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. 2ª edição, 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. "A Batalha do Avaí". Ed: Sextante, Rio de Janeiro, 2013.



Foto do dia da inauguração da estátua a general Osório, na Praça XV, no dia 12 de Novembro de 1894. APUD DORATIOTO, Francisco. “Político, estancieiro e militar”, pg 128, in *General Osorio: a espada liberal do Império*. - São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Repare com atenção à foto. A praça XV está apinhada de pessoas, não se pode ver o chão - fora aos pés do monumento, onde há uma grade de contenção impedindo de muitas pessoas de se aproximarem - e há indivíduos contemplando a inauguração da estátua no último andar e nas sacadas do prédio que se encontra à esquerda na foto. A praça era um importante espaço do centro da cidade do Rio de Janeiro, muitas pessoas passavam por ali diariamente - ainda o fazem hoje. Mas esta concentração demográfica necessitaria de uma razão especial para ocorrer. Para a população carioca daquele tempo, comemorar a imortalização da memória do general Osório era motivo para lotar as ruas.

O objetivo deste capítulo é, portanto, a partir de imagens e textos publicados por duas das principais folhas ilustradas da corte - a *Semana Illustrada* e *A Vida Fluminense* - desenvolver minha análise de como as publicações de jornal e a forma como a imprensa ilustrada retratou tanto Caxias quanto Osório, durante a Guerra do Paraguai, influenciou da heroicização de suas personalidades. Isto é, a maneira como esses dois indivíduos foram

retratados nas páginas destes dois veículos, influenciou e reforçou a percepção do seu público sobre os mesmos. A ponto de, após a guerra, tornarem-se heróis nacionais cujas memórias foram perpetuadas em praças públicas.

2.1 - A trajetória inicial: Caxias e Osório no exército.

Saber qual a origem social de ambos os personagens, qual lugar hierárquico ocupavam suas famílias, como foi a formação militar que cada um teve, é importante para compreendermos a construção do tipo de herói que foi estabelecido para cada um. O lugar de onde vieram, as condições pelas quais se tornaram e formaram-se militares, até chegar ao mais alto posto de general, foram determinantes na carreira de Osório e de Caxias, condicionando as oportunidades que cada um tinha e os papéis desempenhados por eles.

O modelo institucional do exército brasileiro, os valores e as hierarquias que o regiam, eram os mesmos da sociedade política de seu tempo. Durante o período colonial e após a chegada da família imperial ao Rio de Janeiro, o Brasil se desenvolveu enquanto uma sociedade de antigo regime, marcada por privilégios de nascimento que determinavam o lugar de cada um na sociedade. A coroa portuguesa e, posteriormente, a do Império do Brasil, detinha o monopólio da distribuição tanto dos títulos nobiliárquicos - que não eram hereditários, eram concedidos unicamente pelo Imperador àqueles considerados merecedores - quanto das patentes militares. Portanto, para chegar ao generalato, independia de uma formação técnica pessoal ou de uma ascensão dentro da própria instituição, como a de um oficial militar de carreira atualmente. Existiam muitos caminhos possíveis para obter o posto de general, uma vez que este era concedido pelo Imperador e sua avaliação pessoal.⁴²

As famílias de Caxias e de Osório eram de origem portuguesa, e vieram para o Brasil no século XVIII em contextos semelhantes. Ocupar o território brasileiro, com colonos e militares, eram objetivos da coroa portuguesa para o Brasil, durante a segunda metade dos anos de 1700. A historiadora Adriana Barreto de Souza considera que, quando em 1767, o tio avô do futuro Duque de Caxias - um coronel chamado Francisco de Lima e Silva - saiu de Portugal comandando o Regimento de Bragança, o fez estimulado pela mesma política de imigração das décadas anteriores. Política esta que fez sair da região portuguesa dos Açores,

⁴² SOUZA, Adriana Barreto de. “Experiência, configuração e ação política: uma reflexão sobre as trajetórias do Duque de Caxias e do General Osório”, pg. 100, *Topoi*, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 90-111.

cerca de 4000 portugueses, para se assentarem no litoral do sul do Brasil. Dentre esses açorianos, em 1754, vieram os bisavós paternos de Osório, um casal de camponeses que se estabeleceu em Santa Catarina.⁴³

Se as famílias vieram ao Brasil em contextos semelhantes, ambas chegaram aqui já ocupando posições sociais distintas, que determinaram a forma como Osório e Caxias ingressaram no exército. O avô e o tio avô de Caxias vieram como militares da coroa, o segundo já detinha o posto de coronel, e se estabeleceram no Rio de Janeiro. O Regimento de Bragança, se tornaria o 1º Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro, no qual o avô - chamado José Joaquim de Lima e Silva - , e outros parentes de Caxias, serviram durante muitos anos.

Graças à chegada da família imperial ao Rio de Janeiro, em 1808, José Joaquim conseguiria uma ascensão social rápida, a partir da concessão de títulos nobiliárquicos. A proximidade com a corte, servindo há anos num dos principais regimentos de defesa da capital do território brasileiro, foi determinante para que, no espaço de uma década, José Joaquim ser nomeado brigadeiro dos Exércitos Reais, posteriormente, Marechal de Campo. Além de ser agraciado com o hábito da Ordem de Cristo e receber a mercê de fidalgo cavaleiro da Casa Real. José Joaquim de Lima e Silva, conseguiu tornar a sua família nobre a partir de seus serviços militares.⁴⁴

O pai de Osório, Manoel Luís da Silva Borges, se estabeleceu no Rio Grande do Sul, onde se casou com a filha de um tenente de milícias da província. Os gaúchos, por habitarem uma das regiões limítrofes do Brasil, fazendo fronteira com territórios disputados entre o Império português e o espanhol, com uma certa frequência, entravam em choque com os colonos da região do Rio da Prata. Por vezes deflagrando pequenos conflitos armados de fronteira.

Quase que concomitante à chegada da família imperial ao Brasil, se inicia o processo de libertação nacional das colônias espanholas na América. Temendo que o movimento se alastrasse para o sul do Brasil, além de atender ao pedido do governador de Montevidéu, Dom João VI envia para a Cisplatina um exército. É nesse contexto que o pai de Osório irá entrar para a Força Terrestre. Ele o faz com a patente de furriel, equivalente à de sargento

⁴³ SOUZA, Adriana Barreto de. “Experiência, configuração e ação política: uma reflexão sobre as trajetórias do Duque de Caxias e do General Osório”, pg. 100, *Topoi*, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 90-111.

⁴⁴ SOUZA, Adriana Barreto de. “Experiência, configuração e ação política: uma reflexão sobre as trajetórias do Duque de Caxias e do General Osório”, pg. 100, *Topoi*, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 90-111.

atualmente, mas retorna desta campanha como capitão. Em 1817, quando o Brasil anexa efetivamente a província oriental do Rio da Prata, Manoel Luís, que participa novamente da campanha, recebe a patente de major.⁴⁵ A chegada da família imperial foi proveitosa para ambas as famílias, que conseguiram crescer em suas carreiras militares. Tanto o pai de Osório, quanto os parentes de Caxias, sabiam que era aliando-se à Coroa, por ela deter o monopólio da concessão de títulos e patentes, que eles poderiam aspirar uma ascensão social e crescimento na carreira.⁴⁶

Porém, estando na corte, próximos ao imperador e os círculos de poder que se formaram a volta dele, a família de Caxias tirou mais proveito disso, influenciando nas oportunidades de seus descendentes mais jovens. Luí Alves de Lima e Silva foi alistado no 1º Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro⁴⁷ aos cinco anos de idade. Quando fez quinze anos, tomou posse de seu reservado posto de cadete e cursou a Real Academia Militar. Serviu, aos dezoito anos, como tenente no Batalhão do Imperador - juntamente com outros dois tios - na Bahia, na luta contra tropas portuguesas. Mais tarde, em 1925, lutou na guerra contra as Províncias Unidas do Prata na Cisplatina. Após já ter combatido a Balaiada⁴⁸, os liberais em Minas e São Paulo, Caxias retorna ao Rio Grande do Sul para reprimir os revoltosos da Farroupilha, em 1842. Porém, já com o posto de marechal de campo e o título de Barão.

Osório também foi alistado no exército pelo seu pai - contra a própria vontade⁴⁹ - e lutou como praça nas lutas pela independência do Brasil que ocorreram na Cisplatina. Em 1823, dois anos depois, também lutou contra as Províncias Unidas do Prata na Cisplatina. Porém, por ser um soldado em terras de fronteira, o campo de possibilidades de Manoel Luís Osório eram mais estreitos. Com menos oportunidades de ser visto, seu crescimento na carreira foi mais lento.⁵⁰ Em 1842, Osório lutou contra os farroupilha, sob o comando de

⁴⁵ DORATIOTO, Francisco. “2. Militar contra a vontade”, pg. 27, in *General Osorio: a espada liberal do Império*. - São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁴⁶ SOUZA, Adriana Barreto de. “Experiência, configuração e ação política: uma reflexão sobre as trajetórias do Duque de Caxias e do General Osório”, pg. 100, *Topoi*, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 90-111.

⁴⁷ Vale lembrar e ressaltar que, o 1º Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro é o mesmo Regimento de Bragança, o qual veio sob o comando do tio avô de Caxias. A história da família de Lima e Silva está estritamente atrelada a esse regimento e o seu comando; as gerações que sucederam o avô e tio avô de Caxias também protagonizaram o comando de tal regimento.

⁴⁸ A Balaiada ocorreu no Maranhão, entre os anos de 1838 e 1841.

⁴⁹ DORATIOTO, Francisco. “2. Militar contra a vontade”, in *General Osorio: a espada liberal do Império*. - São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁵⁰ SOUZA, Adriana Barreto de. *Experiência, configuração e ação política: uma reflexão sobre as trajetórias do Duque de Caxias e do General Osório*, pg. 104, *Topoi*, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 90-111.

Caxias, o que lhe rendeu promoções e honrarias. Em Maio de 1844, Osório foi nomeado Cavaleiro da Ordem de São Bento de Avis, honraria dada pelo imperador D. Pedro II. Além de, por indicação de Caxias, ser promovido, no mês de Julho, a tenente-coronel e receber o comando de um regimento de cavalaria.⁵¹

A origem familiar e as oportunidades que cada um teve não explicam o sucesso atingido por ambos em suas carreiras. Ainda assim, elas nos ajudam a compreender os lugares sociais que passaram a ocupar, após anos de serviço militar e, quando estourou a Guerra do Paraguai, em 1864, Caxias e Osório serem os dois maiores nomes do Exército brasileiro e seus principais generais. Os dois conquistaram reconhecimento e sucesso, demonstrando em campo as suas capacidades militares. Porém, Caxias ascendeu mais rapidamente, enquanto Osório, sendo um oficial de fronteira, precisou esperar mais pelas oportunidades para mostrar serviço.

2.2 - A chegada no teatro de operações (1865-1866)

No dia 1º de Maio, o Tratado da Tríplice Aliança é assinado entre os representantes do Império, Argentina e Uruguai. Nele fica definido que esses países se uniriam para derrubar Solano López, garantir a livre navegação dos rios e uma cláusula estabelecia que os territórios litigiosos e as fronteiras entre Brasil, Argentina e Paraguai, seriam determinados sem a participação do país guarani. O tratado determinou que Bartolomeu Mitre, presidente da Argentina, seria o comandante-em-chefe das forças aliadas na guerra. Nele também fica reconhecido que general Osório era o chefe dos exércitos brasileiros e que o almirante Tamandaré era o comandante da Esquadra Imperial.⁵²

Como explicitado no primeiro capítulo, durante a reflexão sobre a progressão da legenda de vilão que os jornais ilustrados criaram sobre Solano López, neste momento inicial da guerra, apesar das derrotas iniciais, o ânimo popular estava elevado. Os Voluntários da Pátria receberam muitos indivíduos em pouco tempo. Em questão de meses, o Império já tinha capacidade de engrossar os exércitos brasileiros no Sul, comandados por Osório. Dentro

⁵¹ DORATIOTO, Francisco. “3. O guerreiro descobre a política: a Farroupilha”, pg. 77, in *General Osorio: a espada liberal do Império*. - São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁵² DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. 2ª edição, 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
IZECKSOHN, Vitor. *A Guerra do Paraguai*, in *O Brasil Imperial, vol II: 1831-1870*/ Org: Keila Grinberg e Ricardo Salles. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

dessa atmosfera patriótica, a *Semana Illustrada* publicou a seguinte imagem, no dia 25 de Junho de 1865:



Semana Illustrada, No 237, 25 de Junho de 1865

A imagem tem o objetivo de fazer o público consumidor da revista conhecer os rostos daqueles indivíduos responsáveis pelo comando do Exército na guerra contra o Paraguai, não só por cumprir função jornalística de fazê-los serem reconhecidos, mas há intenção de enaltecê-los no desenho. Seus altos postos na hierarquia de comando da Força Terrestre, responsáveis por derrotar o inimigo paraguaio, fazem com que a revista não produza somente um retrato falado, neutro, mas sim desenhando-os como se fosse um quadro, buscando fazer o leitor contemplar aqueles indivíduos. A *Semana* faz isso com toda a pompa possível, ornamentando o fundo com panos e espadas, enfatizando que os retratados são militares. No centro, ligeiramente maior que os outros homens retratados, destacado, está Osório.

Um dos principais acontecimentos envolvendo Osório na guerra, foi quando as forças aliadas finalmente começaram a desembarcar em território paraguaio. Na província do Mato Grosso, os paraguaios chegaram até a cidade de Coxim, no Rio Grande do Sul, atacaram São Borja e tomaram Uruguaiana. Porém, a partir de Junho de 1865, após a vitória brasileira na Batalha Naval do Riachuelo, os aliados, subsequentemente, no dia 18 de Agosto retomam

Uruguaiana e, no dia 31 de Outubro, as tropas paraguaias que ocupavam a província argentina de Corrientes iniciaram retirada.⁵³

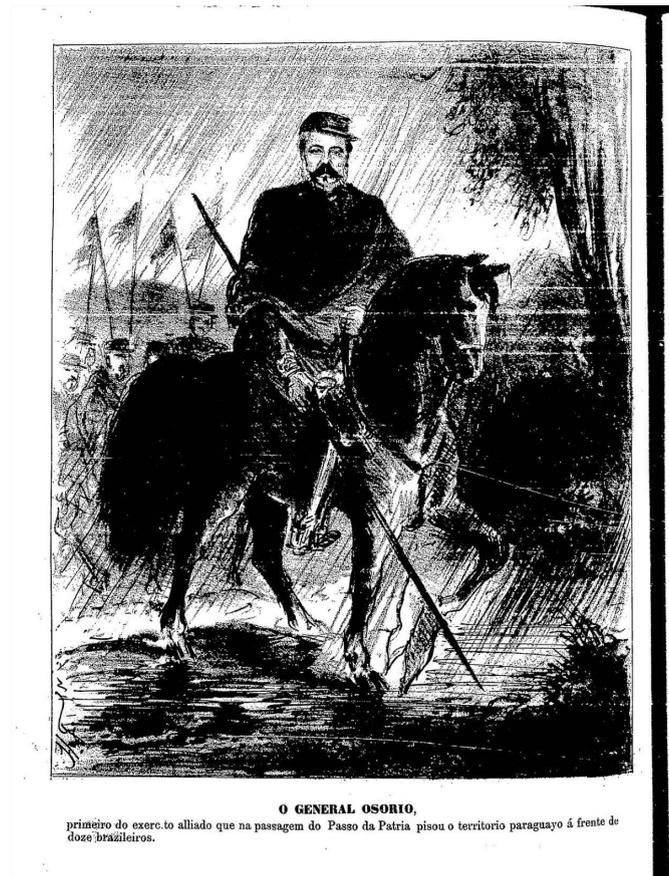
Somente no dia 25 de Fevereiro de 1866 as autoridades militares aliadas, como Osório, Tamandaré, Mitre e Flores, se reuniram para decidir qual seria a forma pela qual os aliados invadiriam o Paraguai. A Esquadra Imperial era vital para o plano, não só para transportar as tropas e os recursos para mantê-las, mas como para encobrir o desembarque.

No dia 16 de Abril, enquanto a Esquadra bombardeava a posição fortificada paraguaia de Itapiru, 9645 soldados desembarcaram em território inimigo e, por exigência do próprio Osório, ele fora o primeiro a pisar em solo paraguaio. Francisco Doratioto, ao tratar deste episódio na biografia sobre o general, relata que a atitude de Osório foi duramente reprovada e criticada como imprudente pelos seus colegas oficiais, pois ele teria avançado pelo terreno inimigo à frente do resto dos exércitos, com a proteção de somente doze homens, pondo desnecessariamente a própria vida em risco - o que poderia resultar numa acefalia nas tropas brasileiras.⁵⁴ A *Semana Illustrada*, no dia 13 de Maio de 1866, retratou o episódio do desembarque de Osório.

⁵³ DORATIOTO, Francisco. *General Osorio: a espada liberal do Império*. - São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. 2ª edição, 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

⁵⁴ DORATIOTO, Francisco. “5. Na Guerra do Paraguai: o herói nacional”, pg. 150, in *General Osorio: a espada liberal do Império*. - São Paulo: Companhia das Letras, 2008.



Semana Illustrada, No 283, 13 de Maio de 1866.

A imagem traz Osório à cavalo, empunhando uma lança, com expressão facial de seriedade e determinação. Atrás dele, estão os doze homens que o escoltaram, enquanto ele fazia o reconhecimento do território inimigo. A legenda da imagem ressalta que ele fora o primeiro, à frente dos exércitos, a pisar no Paraguai. As imagens da *Semana Illustrada*, contemporâneas aos acontecimentos, davam uma interpretação imediata a eles, os atribuía valor. Com a retratação que fizeram da atitude de Osório nesse momento da guerra, não deixou seu público leitor ter outra interpretação de que o ato que o general fizera fora heróico.

Esta imagem de Osório em particular é bastante reveladora, pois ela apresenta as semelhanças estéticas e palpáveis que haviam na forma como ele e o outro grande nome do Exército brasileiro na Guerra do Paraguai, o Duque de Caxias, apareciam nas revistas ilustradas. Há elementos nela que são tradicionais na retratação artística de militares; é comum estarem montados - o cavalo foi durante muito tempo peça fundamental em qualquer guerra, além da cavalaria ser a arma das elites nos exércitos, era essencial para desbaratar a infantaria - com os uniformes alinhados e empunhando uma arma, costumeiramente a espada. As bandeiras também são elementos que constroem a iconografia do militarismo de caráter

européu, estética a qual o Império brasileiro espelhava, seja nos quadros oficiais ou nas imagens de jornal, que reproduziam a cultura europeia das elites letradas do Império.



Ó MARQUEZ DE CAXIAS, NOVO CHEFE DO EXERCITO BRASILEIRO.

Sus' soldados, avante! A deusa da victoria
Vossos no nes gravou nas paginas da historia.
Cada eterno florão, dos ceifados aos mil.
Pertence a cada heroe, e todos ao Brasil.

E' elle, aquelle velho e provado guerreiro.
Que já cubria de gloria a terra do Cruzeiro.
Ei-lo, soldados! Sus! E não sabeis tremer.
Que é timbre dos heroes batallas e vencer!

Semana Illustrada, No 306, 21 de Outubro de 1866.

Quando Caxias chega ao front, em 17 de Novembro de 1866, como novo comandante-em-chefe dos Exércitos brasileiros na guerra, os jornais ilustrados também não deixaram de retratar com menores louvores que em relação a Osório. A imagem publicada

pela *Semana Illustrada* no dia 21 de Outubro de 1866, cerca de um mês após a chegada de Caxias, é bastante semelhante à anteriormente analisada de Osório. Contrariando um pouco o que se construiu sobre essas duas figuras e seus comportamentos no campo de batalha, nesta imagem Caxias aparece em meio aos soldados, cavalgando ao lado da infantaria enquanto empunha sua espada na direção do inimigo. Uma cena diferente do que se estabeleceu sobre o Marechal de Ferro, que ficou conhecido como a mente tática, aquele que orquestrava o combate de trás, enquanto Osório era aquele que executava e comandava a ação na hora da luta.⁵⁵

A legenda da imagem diz: “Seus soldados, avante! A deusa da vitória vossos nomes gravou nas páginas da história. Cada eterno florão, dos ceifados aos mil, Pertence a cada herói, e todos ao Brasil. É ele, solene velho e provado guerreiro, que já cobriu de glória a terra do Cruzeiro. Ei-lo, soldados! E não sabeis tremer. Que é timbre dos heróis batalhar e vencer!”. Novamente, a *Semana* não dá a seu público, somente um retrato de uma figura militar, mas o desenha com uma clara postura de liderança ativa - comandando à frente um ataque da infantaria - em meio a um numeroso exército. Os soldados não devem ter mais medo de lutar, pois chegou para comandá-los aquele que era um guerreiro cujas capacidades já eram provadas e que tinha a deusa da vitória como aliada. Todos esses elementos que compõem a cena, fazem a roupagem heróica que envolve o militar. Há nas palavras da legenda, certeza de que o Marquês⁵⁶ traria a vitória para o Brasil.

2.3 - A guerra estagnada (Outubro de 1866 - Julho de 1867)

Caxias se torna o novo chefe dos exércitos brasileiros após a derrota aliada na Batalha de Curupaiti, que foi o maior revés que a Tríplice Aliança teve na guerra e a última vitória paraguaia no conflito. A Trincheira de Curupaiti era uma das fortificações que compunham o sistema defensivo fluvial paraguaio, ao longo do rio Paraguai, sistema este centrado na Fortaleza de Humaitá, o grande objetivo a ser tomado pelos exércitos aliados.

⁵⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A Batalha do Avaí*. Ed: Sextante, Rio de Janeiro, 2013.
DORATIOTO, Francisco. *General Osorio: a espada liberal do Império*. - São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁵⁶ Caxias só viria a receber o título de Duque, o mais alto da nobiliarquia que o Império concedia, após seu retorno da Guerra do Paraguai. D. Pedro II nomearia-o Duque no dia 23 de Março de 1869.

Por conta de erros táticos da Esquadra Imperial, que acarretaram em decisões precipitadas do exército, que avançou sobre a trincheira sem proteção da própria esquadra, soldados brasileiros e argentinos morreram em grandes números nesta batalha.⁵⁷ Curupaiti foi uma grande derrota para a Tríplice Aliança, que fez paralisar o avanço das tropas, causou mais tremores na já complicada relação entre os líderes da aliança⁵⁸. Havia também conflitos de interesse e disputas de ego entre os líderes militares brasileiros. Portanto, por meio de um decreto no dia 10 de Outubro de 1866, Caxias foi nomeado o novo chefe dos exércitos e Joaquim José Ignacio, o Visconde de Inhaúma, o novo comandante da Esquadra; tendo Caxias o comando unificado das forças.

A historiografia brasileira mais recente sobre a Guerra do Paraguai, aponta para o final do ano de 1866 e a primeira metade de 1867, como sendo o período em que a sociedade brasileira se posicionou de forma mais crítica em relação a ela e suas consequências sociais. Com o prolongamento do conflito, os ânimos da população livre pioraram, alistando-se cada vez menos de maneira voluntária. O governo imperial recorreu, muitas vezes, ao alistamento forçado de pessoas que integravam a Guarda Nacional, principalmente. Na tentativa de manter o esforço de guerra, repondo o número de soldados no front, o governo imperial também recorreu ao alistamento de escravizados. Em uma sociedade escravista, em que as esferas privadas de poder se inseriam na esfera do poder público - as elites detentoras da mão de obra escrava ocupavam as cadeiras senatoriais e das câmaras, ditavam as leis e a sua execução do poder - o governo imperial passou a ser visto como extremamente invasivo, pois, ao mesmo tempo, forçava os livres a se alistarem e negociava a libertação de suas propriedades, para que lutassem na guerra também.⁵⁹ No dia 6 de Novembro de 1866, é

⁵⁷ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. 2ª edição, 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

⁵⁸ A relação entre os líderes da Tríplice Aliança nunca foi simples e tranquila. Tamandaré, principalmente, mas Caxias também, não confiavam muito nas intenções de Bartolomeu Mitre para o Paraguai após a guerra. Por conta dos muitos atritos que ocorreram entre o Império e a Argentina, culminando na Guerra da Cisplatina (1825 - 1828), havia desconfiança entre os representantes políticos dos dois países, temia-se que Argentina pudesse querer anexar o Paraguai após derrotá-lo. Osório que era um dos poucos oficiais brasileiros que estabeleceu boas relações com Mitre e outros comandantes argentinos. (DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. “Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai”. 2ª edição, 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.)

⁵⁹ IZECKSOHN, Vitor. *A Guerra do Paraguai*, in *O Brasil Imperial, vol II: 1831-1870*/ Org: Keila Grinberg e Ricardo Salles. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. 2ª edição, 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. - Rio de Janeiro, Ed: Paz e Terra, 1990.

decretado um documento que previa a alforria dos escravos da Nação, que servissem no Exército no Paraguai. Porém, as críticas do caráter violador do Estado Imperial e do prolongamento da guerra, não recaíram sobre Caxias e Osório.

No dia 10 Janeiro de 1867, poucos meses após a chegada de Caxias, o *Jornal do Commercio* publicava, em sua primeira página, na coluna dedicada às notícias vindas do exterior, atualizações sobre a guerra:

“Correspondência do Jornal do Commercio.

Tuiuti, 12 de Dezembro de 1866.

A atividade é a vida do Exm. marquês de Caxias.

General de um espírito observador, o ilustre marquês não se fatiga de em todos os dias percorrer as linhas avançadas, em distância de poder observar tudo, e remediar o que entende necessário...

O nobre marquês, apesar de entender-se com toda administração do exército de mar e terra, tem, por três vezes, visitado as enfermarias no campo, ou ambulâncias, em as quais existiam e existem doentes, em consequência da impossibilidade de transferência dos mesmos, destas ambulâncias para o hospital de Itapiru, por causa das cheias.

O zelo e interesse pelo tratamento de nossos enfermos é digno do seu caráter humanitário...

Vontade forte e gênio criador, perseverante e observador, o Sr. de Caxias não deixará de colher mais esta grandiosa glória para aumentar a outros tantos florões brilhantes que já cingem sua frente.

Seguido sempre de uma boa estrela nos combates, nós confiamos que o acabamento desta guerra infernal não se fará esperar, desde que o ilustre marquês reorganizar o exército e encetar nossas operações.”⁶⁰

A reação aos esforços de Caxias de reorganizar o exército foi, imediatamente, positiva. O *Jornal do Commercio* não só elogiou a decisão do general de recuperar a capacidade de combate dos soldados brasileiros, mas a revestiu de bondade humanitária. Descrevendo as visitas do marquês aos hospitais, às ambulâncias e retirando-lhe a culpa por não conseguir transferi-los para outros hospitais - nesta correspondência, as cheias que aparecem como culpadas pela imobilidade do general - dão a Caxias um caráter paternalista. O líder militar que traz a disciplina e a ordem é também aquele que cuida e zela pelo bem-estar de seus soldados.

Coincidiu com a chegada de Caxias no teatro de operações, a saída temporária de Mitre do mesmo. O presidente argentino, enfrentava naquele começo de ano, forte resistência

Hendrik Kraay (1997) Slavery, citizenship and military service in Brazil's mobilization for the Paraguayan War, *Slavery & Abolition*, 18:3, 228-256, DOI: 10.1080/01440399708575220

⁶⁰ *Jornal do Commercio*, ano 46, No 10, 10 de Janeiro de 1867. Disponível em: memoria.bn.br - Site da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

da oposição em seu país; chegando ao ponto de ter a sua governabilidade e liderança ameaçadas. Mitre transfere, temporariamente, para Caxias o posto de comandante-em-chefe das forças aliadas na guerra.⁶¹ Fato que foi celebrado pelos brasileiros:

“Correspondência do Jornal do Commercio
Buenos Aires, 12 de Fevereiro de 1867.

... Há ainda outra circunstância que pesa a favor da compensação, e é a de ficar o marquês de Caxias como único general em chefe das forças em operações contra o Paraguai.

Ninguém mais do que o S. Ex. estimaria ter a seu lado a bravura e experiência do general Flores, a circunspeção e ciência do general Mitre, e em ambos a cordialidade de que lhe têm dado tanta prova; porém, deixado só, pela circunstância de cada uma das duas repúblicas chamar a seu território o respectivo governante, o marquês de Caxias pode melhor desenvolver as suas concepções estratégicas e precipitar a terminação favorável da guerra.”⁶²

Apesar do *Jornal do Commercio* afirmar que ninguém além de Caxias apreciaria mais a ajuda de Bartolomeu Mitre e Venâncio Flores, os outros dois principais líderes da Tríplice Aliança - da Argentina e Uruguai, respectivamente - ao mesmo tempo ele difama e diminui a importância de ambos, uma vez que também afirma que, por estar sozinho no comando, Caxias conseguirá elaborar melhores táticas e “precipitar a terminação favorável da guerra.” De maneira polida, o *Jornal do Commercio* alega que, àquela altura da guerra, o Brasil não precisava mais da Tríplice Aliança, pois Caxias era capaz de vencê-la sozinho.

Tal visão é compartilhada por outros jornais, inclusive a folha ilustrada *O Arlequim*, que fora a predecessora de outro jornal ilustrado, *A Vida Fluminense*; antes da chegada do artista Angelo Agostini. Da mesma forma que a saída de Mitre repercutiu positivamente na imprensa da corte, a sua volta gerou críticas negativas e lamentações. No dia 1 de Agosto de 1867, Bartolomeu Mitre retorna para o teatro de operações e retoma o comando das forças aliadas.

“O General Mitre, depois de uma curta ausência (sempre curta em demasia!), voltou ao acampamento e tomou logo o comando em chefe do exército aliado.

Os jornais de Buenos Aires bateram palminhas, transcreveram integralmente a ordem do dia em que seu mitrado chefe declarava que o Marquês de Caxias se pusera sob suas ordens, e himparam-se⁶³ de orgulho.

Nem era para menos. Quando pensou aquela gente que poderia ainda ditar ordens ao valente e numeroso exército brasileiro? Quando imaginou o General Mitre que, depois do

⁶¹ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. “A Guerra de Posições (1866-7), in *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. 2ª edição, 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

IZECKSOHN, Vitor. *A Guerra do Paraguai*, in *O Brasil Imperial, vol II: 1831-1870*/ Org: Keila Grinberg e Ricardo Salles. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

⁶² *Jornal do Commercio*, ano 46, No 52, 21 de Fevereiro de 1867.

⁶³ Não encontrei definições ou sinônimos para esta palavra.

desastrado ataque de Curupaiti, único que foi levado a efeito sob sua particular iniciativa, ainda lhe seria confiada a sorte daquela tremenda questão de ordem? ...

As maiores dificuldades haviam sido superadas pelo incansável Sr. Marquês de Caxias. O exército brasileiro estava refeito, disciplinado, ansioso por enfrentar-se com o inimigo e caminhava desassombrado em demanda de Humaitá. Os maiores incômodos e perigos tinham cessado; só havia agora um vastíssimo campo de louros e vitórias a trilhar...

Como seria ele recebido pelo segundo corpo do exército tão cruelmente dizimado por sua causa?

Com que olhos o enxergariam esses trinta mil brasileiros, que há tanto tempo aflagavam a ideia de serem guiados à vitória pelos seus verdadeiros e únicos chefes, Caxias e Herval?

O general Mitre não ignorava que se ia arriscar a sofrer uma grande decepção; mas era preciso jogar a última cartada.

Jogou-a... e foi feliz.

O Marquês de Caxias, desinteressado e leal como todo aquele que tem consciência do seu próprio mérito, esqueceu-se do muito que fizera, para obedecer a letra do tríplice tratado de aliança.

Durante longos meses cultivou um terreno malgradado e ingrato e agora que o vê o alcatifado de saborosos frutos.... eis que chega um vizinho, mais feliz para colhê-los.”⁶⁴

Se quando Mitre foi embora, por mais que ele fosse bravo e experiente - assim como Venâncio Flores seria -, Caxias estaria melhor no comando sem ele. Quando se deu seu retorno, Mitre era um usurpador, aquele que chegava para se beneficiar dos sucessos atingidos pelos verdadeiros líderes do Exército brasileiro - consequentemente, na visão deste jornal, dos exércitos aliados - que eram Caxias e Osório. Além de culpabilizar unicamente o presidente argentino pelo fracasso do ataque a trincheira de Curupaiti, o que, a partir de pesquisa histórica - com relatos dos combatentes, cartas trocadas entre os líderes e generais da Tríplice Aliança - hoje, se conclui que os aliados foram derrotados em Curupaiti por conta de desavenças e disputas de ego, entre líderes da Aliança. Se Mitre retornara ao comando das forças aliadas, era por conta da lealdade de Caxias; o que difamava e diminuía ainda mais o papel desempenhado por Bartolomeu Mitre até então.

Não somente Bartolomeu Mitre é difamado neste texto d'*O Arlequim*, mas todos os argentinos. Ele põe os argentinos como inferiores, menos numerosos e valentes que o exército brasileiro, e conscientes da superioridade brasileira. A Argentina era uma república, além de ser o único país de fazer frente ao projeto de influência comercial e política que o Império tinha. Detratar o povo argentino, de maneira geral, ao afirmar que estes teriam

⁶⁴ *O Arlequim*, No 17, 25 de Agosto de 1867.

comemorado a oportunidade de poder “ditar ordens ao valente e numeroso exército brasileiro”; fazer isso era detratar a própria sociedade republicana do país vizinho.

Em um número posterior, a revista *O Arlequim*, no dia 20 de Outubro de 1867, publica uma ilustração que deixa bem clara a sua percepção de que, se a guerra se encontrava amarrada, sem os exércitos brasileiros conseguirem caminhar em direção da vitória, não era por conta de Osório nem de Caxias, pois estes estavam sendo impedidos por Mitre.

“Estado atual da Guerra do Sul

- Espera Caxias, não te aproximes! Aquele cavalo é bravo!
- Deixa-me Mitre! Ele poderá morder-me e dar algum coice, mas nem por isso deixarei de laçá-lo!
- Não senhor, eu aqui é mando e não consinto que faças mal àquele bichinho...”

O rosto indignado pela ação de Mitre revela, na verdade, a indignação da revista com aquilo que ela interpreta serem as intenções do presidente argentino. Ao fundo, também desenhado como um peão, atrás do cercado onde o cavalo Solano López está preso, percebemos Osório. Apesar dele estar mais distante, é de vital importância a sua retratação nesta imagem, pois completa o sentido de que tanto Caxias, quanto Osório, estavam de mãos atadas, frente à liderança de Bartolomeu Mitre. Se a guerra estava estagnada, de maneira geral, como revelam os jornais da corte, tal fato não era tido como responsabilidade dos generais brasileiros. As suas capacidades de liderança e execução de estratégias militares continuavam inquestionáveis.

2.4 - O ano das grandes vitórias (1868)

A Vida Fluminense, jornal utilizado no capítulo anterior na demonstração da transformação da legenda de vilão de Solano López, também contribuiu para o estabelecimento de Osório e Caxias enquanto heróis nacionais. Como dito no primeiro capítulo, os trabalhos de Agostini na cidade de São Paulo - nas folhas ilustradas *O Cabrião* e *O Diabo Coxo* - eram mais incisivos e críticos ao governo Imperial que os seus na *A Vida Fluminense*. O objetivo de conquistarem espaço no mercado, de fazerem frente a sua principal opositora, a *Semana Illustrada*, de atingirem bons números de venda, fizeram Agostini e os editores da revista, abrandar e velar um pouco mais suas críticas. A revista precisava se adaptar ao público da corte, acostumado com o teor das publicações da *Semana Illustrada*, de crítica conservadora.⁶⁵

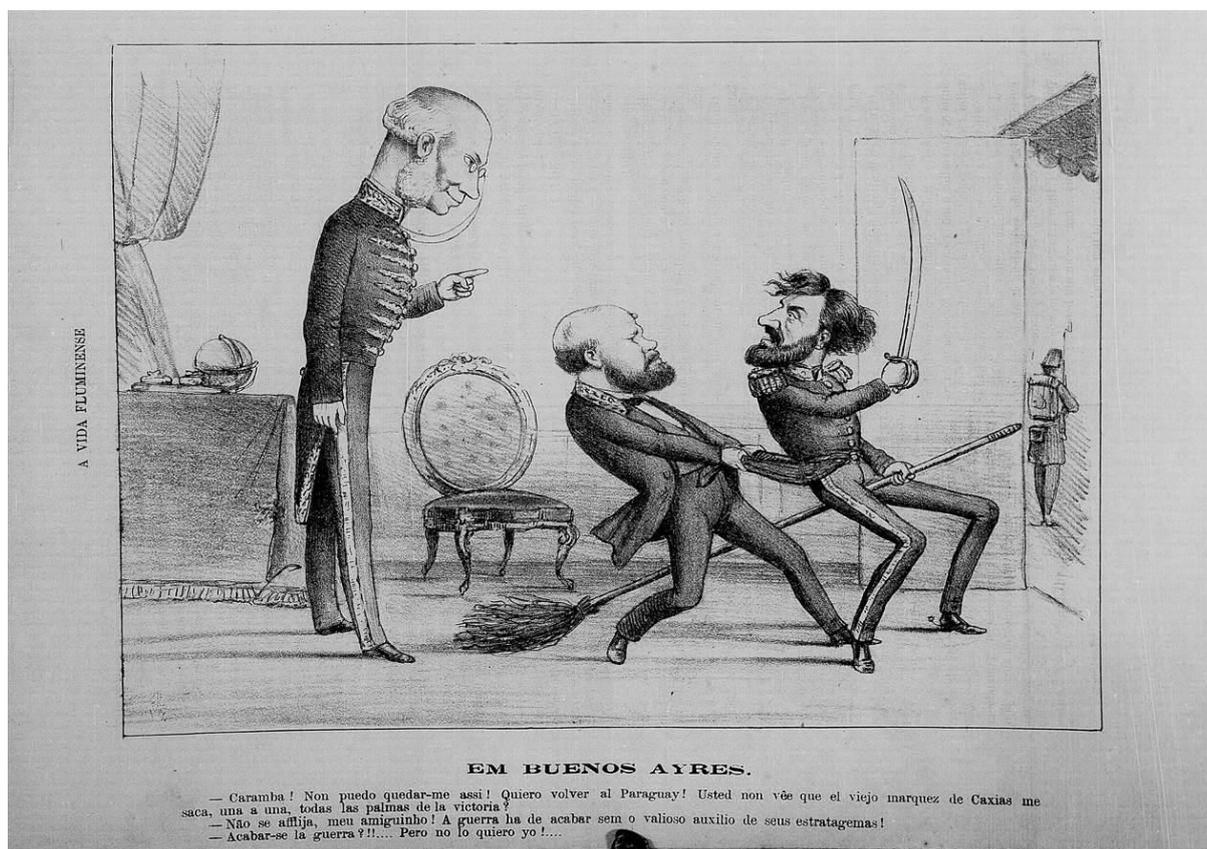
Por não existir na Corte há tanto tempo quanto a *Semana Illustrada*⁶⁶, *A Vida Fluminense* surge para comentar sobre a Guerra do Paraguai no ano definitivo, no ano em que se concretizou a vitória aliada. No dia 14 de Janeiro de 1868, Bartolomeu Mitre se retira do

⁶⁵ BALABAN, Marcelo. “O poeta do Lápis. Sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)”. Campinas SP, Editora Unicamp, 2009.

⁶⁶ O primeiro número da *A Vida Fluminense* é publicado no dia 8 de Janeiro de 1868.

comando das forças aliadas, para assumir a presidência da Argentina, passando, em definitivo, o comando para Caxias. No dia 19 de Fevereiro, seis belonaves brasileiras ultrapassam a Fortaleza de Humaitá, partindo rumo a capital Assunção, apesar da fortificação permanecer guarnecida com o Exército paraguaio.

A ultrapassagem de Humaitá foi um dos episódios da guerra mais comentados e enaltecidos pela imprensa tanto ilustrada quanto convencional da época, pois mesmo ela não tendo sido tomada ainda, ultrapassá-la era uma grande vitória parcial. Neste contexto, de conquistas importantes sob o comando de Caxias, *A Vida Fluminense* publica no dia 18 de Abril de 1868, uma ilustração que enaltecia o general e suas vitórias, mas sem deixar de criticar os prejuízos que a guerra trazia para o Brasil.



A Vida Fluminense, No 16, 18 de Abril de 1868.

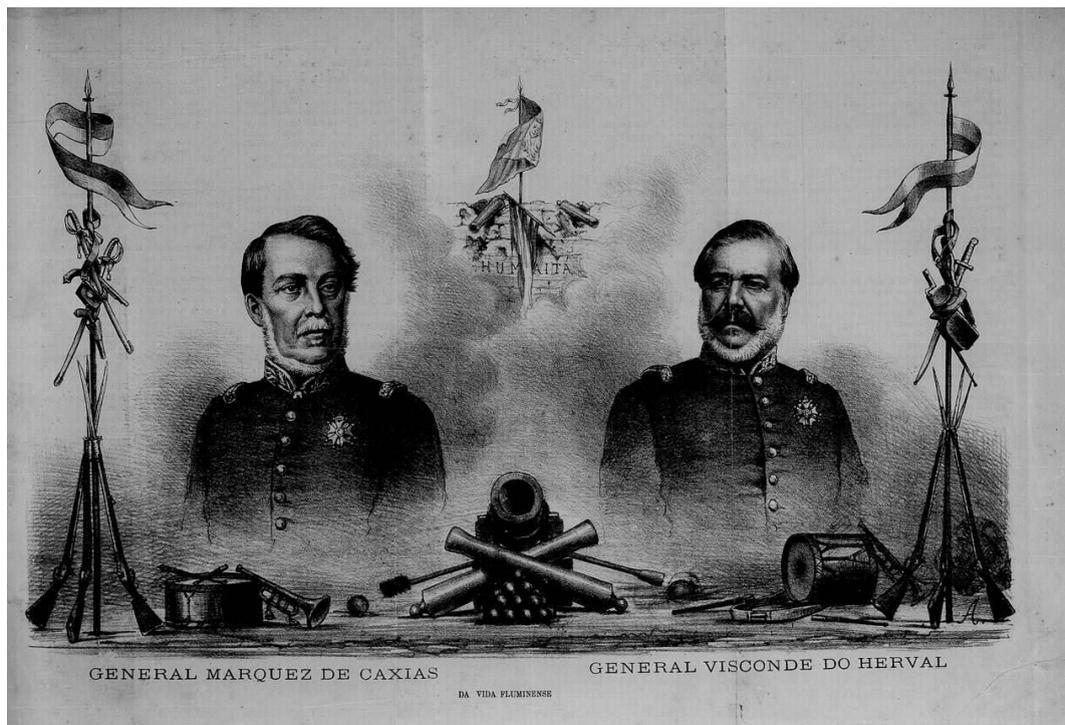
- “Caramba! Non puedo quedar-me assi! Quiero volver al Paraguay! Usted non vê que el viejo marquez de Caxias me saca, una a una, todas las palmas de la victoria?”
- Não se aflija meu amiguinho! A guerra há de acabar sem o seu valioso auxílio de seus estratagemas!
- Acabar-se la guerra?!... Pero no lo quiero yo! ...”

A ilustração consistia de um diálogo entre líderes militares argentinos, que tentam conter Bartolomeu Mitre de retornar para a guerra, enquanto este reclama que o Marquês de Caxias está recebendo todos os aplausos pelas vitórias. Porém, o alerta que os outros homens o fazem não é ingênuo; o sorriso malicioso do homem que se dirige a Mitre indica que há interesse em que a guerra não acabe tão rapidamente. A Guerra do Paraguai beneficiou em muito a Argentina, pois as tropas brasileiras compravam recursos e mantimentos com comerciantes argentinos em Buenos Aires, além de caravanas de vendedores que acompanhavam os exércitos nos acampamentos, cobrando preços altíssimos. Não só economicamente, mas o país platino se beneficiou também com o fortalecimento de seu Exército, enquanto instituição perante a sociedade argentina e também estruturalmente, quando terminou a guerra, o Exército argentino era bem armado e treinado.⁶⁷

A legenda da ilustração completa seu sentido, é por meio dela que se torna clara a crítica que *A Vida Fluminense* faz à cerca da Guerra do Paraguai; a questão posta em pauta não é se deveria haver guerra ou não, a revista não estava se pondo contra a guerra, mas sim os custos dela para o Brasil e o fato dela favorecer mais os aliados do que o próprio Império.

Com relação ao marquês de Caxias e ao general Osório, *A Vida Fluminense* retratava-os da mesma forma que a *Semana Illustrada*, enaltecendo suas personalidades e suas altas patentes dentro das Forças Armadas. O leitor pode comparar a ilustração a seguir, com a imagem produzida pela *Semana Illustrada* para a publicação do dia 25 de Junho de 1865, anteriormente analisada neste mesmo capítulo, sobre a apresentação de Osório e seu estado maior.

⁶⁷ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. 2ª edição, 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.



A Vida Fluminense, No 33, 15 de Agosto de 1868.

Nela, pode ser percebido os mesmos elementos utilizados para valorizar Caxias e Osório, que além de estarem lado a lado, indicando igual ordem de grandeza, estão à frente dos escombros da Fortaleza de Humaitá. A imagem não busca somente mostrar quem são os responsáveis pela tomada da fortificação fluvial paraguaia, mas sim retratá-los com todo o louvor, além de mostrar que se beneficiou disso: todo o Império, ao hastear a bandeira Imperial sobre os muros de Humaitá.

Essa imagem é posterior a tomada da Fortaleza de Humaitá, pois primeiro a Esquadra a ultrapassou, depois as forças terrestres isolaram a fortificação, impedindo que recebesse reforços. Mas mesmo assim, ela continuava sendo um objetivo difícil de ser tomado. Quando ocorreu, tanto *A Vida Fluminense* quanto a *Semana Illustrada*, louvaram o feito dos militares brasileiros, descrevendo-o como uma grande honra para toda a “Nação Brasileira”. A exemplo disso, a reportagem publicada pela *Semana*, no dia 9 de Agosto de 1868, duas semanas após os aliados entrarem em Humaitá:

“Delenda Humaitá.

Parabéns, mil parabéns, ó povo do Brasil!

Há perto de quatro anos fostes, pela mais negra e infame das traições, insultados nas águas do Paraguai e pouco depois vistes grande porção da terra de vossos maiores profanada pelos pés das hordas do tirano, vergonha do Sul da América.

Devastações, crueldades sem exemplo na história dos Átilas e dos Gengis Khans, torpezas indignas de referir, foram atos sucessivos da primeira perfídia do tigre, então triunfante na escravizada Assunção.

Erguestes-vós como um só homem e bradastes vingança!

O brado de uma nação, ferida profundamente nos seus brios, é grito de extermínio ao inimigo que a ultrajou.

De montanha em montanha, de vale em vale, de rio em rio, de floresta em floresta, esse brado não diminuiu de intensidade. Aumentando cada vez mais, assumiu as proporções de repto de morte arrojado às faces dos déspotas e dos janízaros, que o mantém no poder!

A *Semana Illustrada* para logo traduziu tão justo grito de indignação na divisa - Delenda Paraguai - Delenda Humaitá.

Rememorando a trechos, não muito distanciados, a sua inspirada divisa, a *Semana Illustrada* ansiava ouvir soar a hora da vingança nobre e completa.

Ela soou, ó povo brasileiro, no dia 24 de Julho, após a muita efusão do sangue generoso de vossos irmãos, de vossos filhos, denodados e heróicos defensores da honra nacional!

Parabéns, mil vezes parabéns!

Delenda Humaitá.

Caiu o reputado inexpugnável valhacouto do déspota Solano e de seus embrutecidos e sanguinários sequazes.

Caiu em virtude de plano magistralmente combinado e gloriosamente executado pelo exército e pela esquadra. Caiu como morto que cai para nunca mais levantar-se.

Honra aos beneméritos marquês de Caxias e visconde de Inhaúma! Honra a todos os bravos do exército e da esquadra do Brasil!

Honra a todos os brasileiros que, nas águas e nos campos do Paraguai, esquecidos das insídias de partidos, das apreciações frívolas de malévolos generais de improviso, dos apodos de despeitados e detratores, brandem as espadas, sopesem as espingardas para executarem à risca a missão apregoada pela legenda de nossa iniciativa - Delenda Paraguai - Delenda Humaitá.

Glória à nação brasileira!”⁶⁸

Esse texto sintetiza precisamente a forma como a *Semana Illustrada* se posicionou sobre a Guerra do Paraguai, ao longo de todos os cinco anos do conflito; de que ponto de vista fazia isso e para quem se direcionava. Nele, o avanço inicial dos paraguaios é ultrajante, criminoso e profanador. O Brasil fora profanado pelo tirano Solano López, cuja crueldade supera a de indivíduos como Átila, o rei dos Hunos - que invadiu e pilhou grandes extensões na Ásia e na Europa, no século V d.C - e o Gengis Khan, o conquistador mongol; a quem se atribuem atos de violência extrema nas suas empreitadas conquistadoras. O título do texto, *Delenda Humaitá*, é uma referência a um termo do latim *Delenda est Carthago*, que significa

⁶⁸ A *Semana Illustrada*, No 400, 9 de Agosto de 1868.

que “Cartago deve ser destruída”, utilizado pelos romanos em reuniões senatoriais, durante as Guerras Púnicas (264 a.C - 146 a.C)⁶⁹.

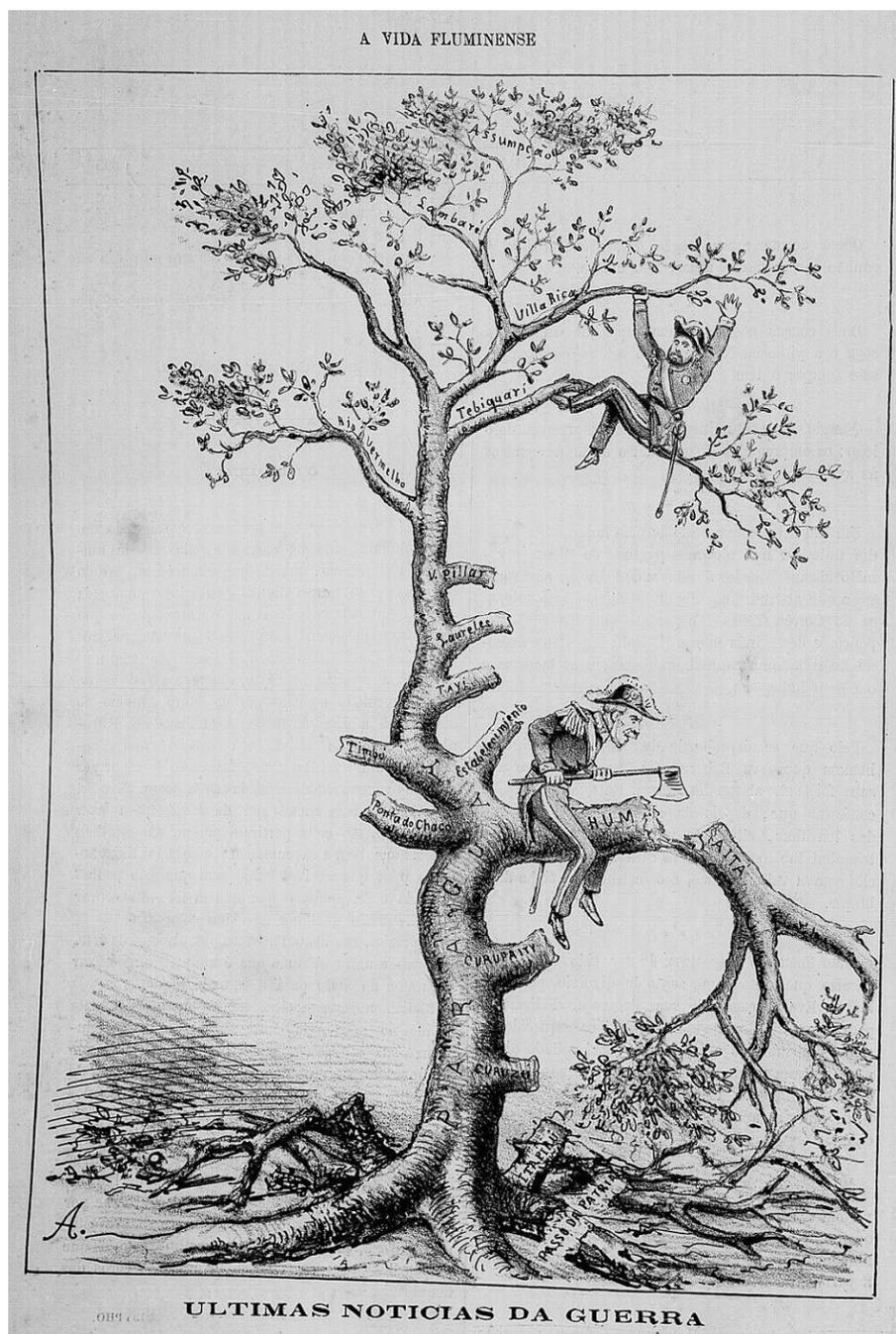
Em virtude da ultrapassagem de Humaitá, a *Semana Illustrada*, no dia 8 de Março de 1868, publicou como um conteúdo extra do número vigente, um poema denominado A Glória, inspirado pela “miraculosa passagem de Humaitá” e oferecido “à Esquadra, ao Exército e seus valentes generais”. O poema possui três páginas, cujas palavras descrevem, enaltecem e glorificam os feito militar empreendido pelas forças brasileiras⁷⁰.

A partir do trabalho de André Toral, publicado em seu livro *Imagens Em Desordem. A iconografia da Guerra do Paraguai (1864-1870)*, posso afirmar que, de uma maneira geral, o teor das críticas e dos elogios dos jornais ilustrados, que tinham o objetivo de fazer rir através da sátira política, dependia muito dos reveses e sucessos das Forças Armadas no conflito. As publicações da *A Vida Fluminense* seguem, de uma maneira, esta tendência.

No mesmo número em que foi publicada a imagem com Osório e Caxias lado a lado, pela *Vida Fluminense* no volume do dia 15 de Agosto de 1868, anteriormente esmiuçada, é publicada também uma imagem de Caxias podando com um machado, os galhos de uma árvore.

⁶⁹ As Guerras Púnicas foram os conflitos que ocorreram entre as Repúblicas de Roma e de Cartago, entre os séculos III e II a.C. Roma entrou em choque com o império comercial da cidade-estado fenícia do norte da África, Cartago. As duas potências disputavam o controle comercial do mediterrâneo e, após três grandes conflitos, Roma se saiu vitoriosa. No final dos conflitos, Cartago foi completamente destruída por Roma. Fazendo referência às Guerras Púnicas, com o título Delenda Humaitá, além de durante o texto dizer Delenda Paraguai, a revista está manifestando a sua intenção de querer ver o país inimigo arrasado, assim como Roma fizera com Cartago no passado.

⁷⁰ Tal poema estará disponível em anexo ao final deste trabalho. *Semana Illustrada*, No 378, 8 de Março de 1868. Ver página 76.



A Vida Fluminense, No 33, 15 de Agosto de 1868.

Cada galho é nomeado por alguma batalha vencida na guerra; o galho recém cortado, sobre o qual Caxias esta, é Humaitá. Acima dele, pendurando-se para não cair, está Solano López. Na copa da árvore há o galho mais fino, o último e mais frágil, que é Assunção.

Marcelo Balaban, em sua obra *O poeta do Lápis. Sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)*, interpreta tal caricatura como sendo a destruição do Paraguai. Esta se daria, porém, não pelas mãos do próprio Solano López, como a *Semana Illustrada* e outros jornais afirmaram durante os primeiros anos da guerra, mas sim

pelas mãos de Caxias. A crítica aqui não é pessoal a Caxias, o que a revista busca ilustrar é a sua compreensão de que, naquela altura da guerra, Solano López não mais representava um perigo nem mesmo para o próprio Paraguai. O que estava causando a destruição do país guarani era a guerra contra outro país, cujo condutor era Caxias.⁷¹ É este o nível da crítica d'*A Vida Fluminense*: ao mesmo tempo que ela enaltece os dois principais nomes do Exército brasileiro na guerra - Caxias e Osório -, e o faz de forma sincera, valorizando-o, ela na última página do número fornece uma imagem para propor uma reflexão ao seu leitor.

Enquanto *A Vida Fluminense*, em Agosto de 1868, fazia uma reflexão crítica acerca do andamento da guerra e das consequências dela, seja para o Brasil ou para o Paraguai - como demonstrado com a ilustração anterior -, a *Semana Illustrada* por conta de sua perspectiva conservadora à cerca do funcionamento da sociedade brasileira, alinhada ao governo imperial, retomava seus elogios mais intensos. No dia 23 de Agosto de 1868, a revista publica uma imagem de página dupla do general Osório, durante a operação que ele conduziu de reconhecimento do terreno à volta de Humaitá, para que o Exército pudesse tomar a fortaleza de assalto.

⁷¹ BALABAN, Marcelo. “O poeta do Lápis. Sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)” pg 201. Campinas SP, Editora Unicamp, 2009.



RECONHECIMENTO DE
 Pelas 5 horas da manhã, o general visconde de Herval, com as forças da vanguarda composta de duas divisões ao mando
 a brigada 7^a, comandada pelo coronel Mesquita, e o batalhão de engenheiros pelo tenente-coronel Conrado Maria da Silva Pitt
 3 ajudantes, e do seu piquete 15 homens e 24 cavalos. . . . É verdade que também não deixaram de lutar em bravura mi
 jor Cunha, quartel-mestre general do 2^o corpo o major Luiz Alves, o capitão Corrêa e o tenente Pereira Pinto, o tenente Sobr



O DE 16 DE JULHO DE 1868.

ao mando do brigadeiro Resin, marchou sobre a esquerda do inimigo, indo na frente o mesmo general com todo o seu estado-maior,
 Silva Bittencourt. O general Osório chegou até a contra-escurpa do fosso, e ali perdeu o seu cavallo: do seu estado-maior morreram
 Francisco Soares Officinas, cujos deversos exigiam as suas presenças ao lado do valente Osório, no momento das perigosas e da morte. (1) ma-
 ric Sobr José de Souza e o Alcaide Veloso, também expuzem a sua vida em homenagem ao altar da pátria.
 (Vide *Annuaire de Camerões* de 7 de setembro.)

Na legenda da ilustração aparecia escrito o seguinte:

“Pelas 5 horas da manhã, o general visconde do Herval, com as forças da vanguarda compostas de duas divisões ao mando do brigadeiro Resin, marchou sobre a esquerda do inimigo, indo na frente o mesmo general com todo o seu estado maior, a brigada 7, comandada pelo coronel Mesquita, e o batalhão de engenheiros pelo tenente-coronel Conrado Maria da Silva Bitancourt. O general Osório chegou até a contra-escarpa do fosso, e aí perdeu o seu cavalo; do seu estado maior morreram 3 ajudantes, e sendo do seu piquete 15 homens e 24 cavalos... É verdade que também não deixaram de imitá-lo em bravura muitos outros oficiais, cujos deveres exigiam as suas presenças ao lado do valente Osório, no meio do perigo e da morte (!). Major Cunha, quartel-mestre general do 3 corpo, major Luiz Alves, o capitão Corrêa e o tenente Pereira Pinto, o tenente Suly José de Souza e o alferes Velloso, também expuseram a sua vida em holocausto no altar da pátria.

(Vide Jornal do Commercio do 7 do corrente)”

O ataque não foi, diretamente, bem sucedido, uma vez que ele não resultou na invasão brasileira da fortaleza de Humaitá. Por mais fragilizadas que estivessem as defesas paraguaias, a fortificação se demonstrou mais difícil de tomar que o esperado, por Caxias e outros generais do exército brasileiro. Houve um número considerável de baixas por parte do exército imperial. Porém, sabendo que não poderia resistir a outros ataques como este, estando em desvantagem numérica, Solano López determina a evacuação da fortaleza, após o ataque do dia 17 de Julho de 1868. Após a rendição dos paraguaios restantes, os aliados entram na fortaleza no dia 25 do mesmo mês.⁷²

Ao retratar o episódio, a *Semana Illustrada* não registra o número de baixas que ocorreram, nem diz que ele foi mal sucedido porque não resultou na imediata tomada da fortaleza. Ao invés disso, ela valoriza a bravura de Osório, por ter liderado o ataque à frente dos soldados, enaltece a morte dos oficiais que pereceram junto a ele, imitando a sua coragem. Os mortos neste ataque tornam-se mártires, heróis que morreram “em holocausto no altar da pátria”.

Da mesma forma que aconteceu com a retratação de Solano López, a maneira como Osório e Caxias foram pintados pela mídia ilustrada se perpetuou para além das páginas dos jornais. O contínuo respeito por ambos, mesmo no ano em que a guerra foi mais criticada - 1867 -, demonstram que a imagem de de Osório e Caxias não foi arranhada pela mídia nem nos momentos mais críticos. Eles estavam sempre acima das polêmicas, das queixas ao atraso da guerra e pela demora na chegada da vitória conclusiva. Quando a guerra enfim acaba, os

⁷² DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. 2ª edição, 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

dois generais saem dela muito maiores do que quando entraram. Se antes eram figuras públicas conhecidas e respeitadas, após o fim do conflito platino eles eram heróis para toda a nação.

Considerações Finais

A mídia impressa no Brasil, na segunda metade do século XVIII, era multifacetada, com muitos jornais e revistas cujos propósitos eram dos mais diversos. Algumas folhas duravam pouco tempo, com baixos números de venda e acabavam não vingando. A mídia também era setORIZADA, os jornais eram redigidos pensando no seu público alvo; não havia ainda ocorrido a massificação dos periódicos, quem consumia jornal era a elite.⁷³ Folhas como a *Semana Illustrada* e *A Vida Fluminense* escreviam crônicas satirizando Solano López comparando-o a Átila, o Huno, ou a Nero - utilizando referências da cultura mitológica clássica greco-romana - com o objetivo de conquistar a preferência das classes abastadas da Corte. E não pensando no gosto de possíveis leitores menos letrados.

A disputa pela preferência do público entre as duas revistas, que acarretou numa forma semelhante ao retrataram Solano López, que descrevo no primeiro capítulo, era uma disputa por um público bastante elitizado. Como demonstrado, com base nos dados do censo de 1872, a população alfabetizada no Brasil era pequena, em relação ao número total de habitantes. Não havia como os jornais se pensarem enquanto produtos para um público amplificado, pois não havia leitores para isso.

Mas a mídia ser direcionada para e feita pela elite, não significou que as ideias que ela publicava circulavam de maneira fechada na alta sociedade dos núcleos urbanos. Em uma sociedade em que a maioria das pessoas era analfabeta, a relação entre escrita e oralidade era muito mais íntima e com barreiras muito mais tênues. Leituras públicas eram comuns, particularmente nos pontos de venda dos jornais.⁷⁴

Em particular no caso das revistas ilustradas, cujo principal artifício para transmitir uma mensagem eram suas ilustrações e desenhos, tinham ainda mais capacidade de se proliferar. Em um mundo onde não havia internet, televisão, rádio e outras formas mais velozes de meios de comunicação, os jornais eram os porta vozes do que ocorria mundo à fora. Os desenhos de ilustradores como Henrique Fleiuss e Angelo Agostini era a janela deste

⁷³ MARTINS, Ana Luiza. “Imprensa em tempos de Império”, in *História da Imprensa no Brasil* / Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca, (organizadoras). - São Paulo: Contexto, 2008.

MOREL, Marco. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro : Mauad X, 2010.

⁷⁴ MOREL, Marco. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*, pg 80-81. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

mundo para os leitores. Dentro de um contexto em que quadros e obras de artes eram prazeres restritos somente a quem poderia arcar com os custos de visitar uma exposição, seja no Brasil ou, ainda mais difícil, no exterior, as publicações das folhas ilustradas ganham ainda mais peso.⁷⁵

A partir da análise das imagens produzidas sobre López no primeiro capítulo, fica demonstrado que ela não se manteve a mesma durante os anos da guerra. Solano López espanta os brasileiros, que não esperavam que fole fosse invadir o Brasil e iniciar uma guerra. Sendo bem sucedido nos ataques, avançado sobre o Mato Grosso e Rio Grande, conquistando cidades e saqueando vilas, ele preocupa e amedronta na população do Império. Como forma de ridicularizar e diminuir o tamanho da ameaça vinda do Paraguai, os jornais constantemente o descreviam e retratavam como um louco, amigo do Diabo, um tirano sedento por sangue.

À medida que os aliados começaram a vencer os combates e a iniciar uma contra-ofensiva - a partir de Junho de 1865, depois que o Brasil vence a Batalha do Riachuelo - a ameaça guarani, sintetizada em seu próprio líder, começa a diminuir. As vitórias aliadas fazem com que os jornais transferem para o próprio Solano López, o medo que antes a população brasileira demonstrava sentir. Este passa a aparecer nas páginas dos semanários da corte como um fujão medroso, que recua para dentro do desconhecido território do Paraguai para tentar evitar seu fadado destino: a derrota.

Quando em 1870 ele é finalmente derrotado, a *Semana Ilustrada* e *A Vida Fluminense* divergem na forma de retratar a morte do déspota. *A Semana* produz uma das suas mais famosas ilustrações, que foi, para muitos, a única imagem sobre o cabo Chico Diabo a ser vista. O desenho era o soldado brasileiro, que perseguia López a cavalo, perfurando seu peito com uma lança. Para os consumidores de jornal do Rio de Janeiro, essa caricatura era a captura do momento da morte de Solano López.

A Vida Fluminense, que desde 1868 tentava conquistar a preferência do público consumidor de jornais do Rio de Janeiro, resolveu retratar o inimigo derrotado de uma outra forma. Ao invés de fazer uma caricatura, produziu retratos falados de Francisco Solano López e da Madame Lynch, sua esposa. Mas não o fez para ser respeitosa para com o presidente morto. O fez para se opor a sua principal concorrente. Questionou a fonte que a *Semana*

⁷⁵ MOREL, Marco. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*, pg 66-67 Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Ilustrada teria usado para produzir sua famosa caricatura, taxando-a de caluniosa por mostrar López sendo perfurado pela frente, e não pelas costas, como diriam os relatos oficiais do exército. *A Vida Fluminense*, com isso, tentava mostrar ao público que suas ilustrações eram confiáveis, ao contrário das feitas pela *Semana Ilustrada*.

Como demonstrado no começo do primeiro capítulo, com uma crônica do Correio Mercantil, e a partir da compreensão estabelecida por Marco Morel de que na sociedade brasileira do século XVIII a oralidade e a escrita tinham barreiras muito mais tênues, é possível afirmar que a população carioca compreendia López como o único responsável pela guerra. Na narrativa exposta pela crônica, Solano López seria o sucessor de uma dinastia de tiranos, iniciada por José Gaspar Rodríguez Francia. Assim como seus antecessores, cabia somente a López a tomada de qualquer decisão do governo, portanto, era a ele quem se deveria culpar.

A perpetuação desta compreensão é demonstrada pela epígrafe do primeiro capítulo. A obra de Affonso de Carvalho é escrita em 1938, mas explica a eclosão da Guerra do Paraguai com base numa memória de qual seria a personalidade de Solano López. A imagem construída sobre ele pela mídia, especialmente a ilustrada, em diálogo com seu público alvo e consumidor de leitores, durante os anos da guerra, foi mantida viva porque pesquisadores como Affonso creditaram à personalidade de um único indivíduo o começo do maior conflito armado sul-americano, ignorando todo um passado de tensões diplomáticas entre as nações beligerantes.

Assim como a imagem de López foi perpetuada por esses pesquisadores, a forma como Osório e Caxias apareciam na mídia durante a guerra, fez com que eles se tornassem heróis nacionais, após a conclusão do conflito. Na apresentação da obra de Affonso de Carvalho sobre Caxias, o objetivo do livro é explicitado:

“apontar aos contemporâneos as virtudes, as facetas, os pormenores e a generalidade, além da genialidade daquele que, digamos sem rodeios, formaliza-se, à luz impassível da História, como um dos maiores responsáveis pela integridade de nosso vasto território.”⁷⁶

O livro é publicado em 1938. Como apresentado no começo do segundo capítulo, onze anos depois, estaria sendo inaugurado em frente a sede do então Ministério da Guerra, um panteão cívico, em memória do Duque de Caxias. As palavras do Jornal do Comércio na matéria que fizeram sobre a inauguração do Panteão de Caxias foram:

⁷⁶ CARVALHO, Affonso de. *Caxias*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1976.

“No “Dia do Soldado”, em que celebramos o nascimento do maior dos servidores da unidade do Brasil, “ao pé do seu leito derradeiro”, descendo o olhar unguido de comoção e reverência, como quem se abebera da fonte do ensinamento cívico, para alteá-lo à amplidão que há de acompanhar o destino do Brasil, podemos repetir aquelas suas palavras de concórdia: “abracemo-nos e unamo-nos, para marchar, não peito a peito, mas ombro a ombro, em defesa da Pátria que é nossa mãe comum”.”

O discurso sobre quem foi Duque de Caxias, tanto no livro de Affonso de Carvalho como dez anos depois na matéria do Jornal do Comércio, é o mesmo. Affonso diz que Caxias entrou para a História por ser um dos maiores responsáveis pela integridade do território nacional. Em virtude da inauguração do monumento, no dia do nascimento do duque - em que se passou a celebrar o Dia do Soldado - estaria se celebrando o nascimento “do maior dos servidores da unidade do Brasil”. Essa memória só foi possível, porque antes, quando a Guerra do Paraguai recém acabara, ele foi descrito e retratado como herói.

Porém, antes mesmo de Caxias, Osório foi quisto como herói primeiro. Não só por uma estátua sua, no centro do Rio, ter sido inaugurada antes mesmo de fazerem uma para Caxias. Mas porque, pela forma como Osório era falado nos jornais, as ilustrações e crônicas sobre ele apontavam para uma predileção. Francisco Doratioto e Lilia Moritz Schwarcz assinalam justamente para a espontaneidade da população da Corte, recebendo Osório na capital com cortejos nas ruas, como amostra da preferência geral que havia pelo general gaúcho.⁷⁷

Essa preferência existia porque os jornais e revistas ilustradas principalmente, que eram os meios pelos quais a população recebia descrições e imagens sobre a guerra e a ação dos generais, salientavam para uma distinção de postura entre Osório e Caxias. O primeiro era o homem da ação, que liderava seus homens à frente deles, comandava o combate do próprio campo de batalha. Enquanto Caxias, que era de fato o verdadeiro comandante dos exércitos do Império, exercia seu comando afastado da luta, era uma atuação tática e cerebral, principalmente. O quadro pintado por Pedro Américo, *A Batalha do Avaí*, é uma interessante demonstração da contemporaneidade deste discurso nos anos subsequentes à Guerra do Paraguai.

⁷⁷ DORATIOTO, Francisco. *General Osorio: a espada liberal do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A Batalha do Avaí*. Ed: Sextante, Rio de Janeiro, 2013.



Pedro Américo de Figueiredo e Melo. *A Batalha do Avañy*. Executada de 1872 a 1877. Medidas: 1000 x 600 cm (com moldura), 900 x 500 cm (tela sem moldura). Óleo sobre tela. Moldura em gesso dourado. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

Este quadro retrata um dos combates da Dezembrada, a campanha militar de Dezembro de 1868, com a qual o Brasil terminou de derrotar o que restava das forças oficiais do exército paraguaio. De acordo com a historiadora Lilia Moritz Schwarcz, não nos deveria causar estranheza que o comandante dos exércitos brasileiros - o Duque de Caxias - fosse retratado em terceiro plano no quadro. O Duque está no canto superior esquerdo, montando em seu cavalo branco em uma colina, acima do combate, rodeado por outros oficiais e apontando para a luta.



“O dever do general é muito diverso daquele do soldado; aquele combina, esta obra; aquele move milhares de homens, este move-se a si só; a morte deste é sucesso indiferente para o êxito, a daquele, pode em dada circunstância, aniquilar a causa que defende. [...] Não deve o general baratear sua vida [...]”⁷⁸

Portanto, havia à época, a compreensão de que, pela hierarquia militar, os oficiais tinham mais relevância para as campanhas, por conta de seu papel de liderança e condução dos combates. Se Pedro Américo retratou Caxias mais distante do combate, foi porque ele buscou fazer isso de forma fiel a sua realidade. Como exposto por Lilia Moritz Schwarcz⁷⁹, a forma como ele organizou os personagens em sua tela, permitiu que, de maneira visual, quem contemplasse o quadro, percebesse a hierarquia entre comandantes e os comandados.

Osório, ao contrário de Caxias, está mais próximo ao centro geométrico do quadro. Encontra-se em segundo plano à direita, montado em seu cavalo e apontando a sua espada em direção ao inimigo. Atrás dele, segue uma tropa de soldados brasileiros.



⁷⁸ CAMPOS, Padre Joaquim Pinto de. *Vida do grande cidadão brasileiro Luiz Alves de Lima e Silva, Barão, Conde, Marquez, Duque de Caxias*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1878, p. 329. Citação obtida em: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A Batalha do Avaí*. pg. 46. Ed: Sextante, Rio de Janeiro, 2013.

⁷⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A Batalha do Avaí*. pg. 47. Ed: Sextante, Rio de Janeiro, 2013.

De acordo com Lilia Moritz Schwarcz, da mesma forma que Pedro Américo não fugiu a compreensão de sua época, em relação ao papel, a importância da patente e a forma de retratar Caxias, ele não evitou as histórias que lhe contavam sobre Osório⁸⁰. Neste quadro, além de estar em meio aos soldados, liderando à frente deles, o marquês do Herval é retratado num dos episódios que mais marcou o imaginário popular sobre a sua bravura. Durante o combate, Osório é ferido com um tiro no maxilar, ferimento este que lhe custou muito para sarar e também o deixou com dificuldades para mastigar e falar pelos anos restantes em que viveu.⁸¹

O leitor pode retornar a imagem de página dupla publicada pela *Semana Illustrada* no nº 402, do dia 23 de Agosto de 1868, analisada no segundo capítulo, e compará-la com a retratação de Osório que fez o pintor no episódio desta batalha da Dezembrada. O episódio que a *Semana* trata é diferente do abordado por Pedro Américo. Porém, Osório aparece de forma muito similar em ambas ilustrações: montado à cavalo, erguendo sua espada para a direção do ataque, em meio aos seus comandados e exposto ao perigo. Se o pintor o colocou em sua tela desta maneira, foi porque as pessoas para quem ele se dirigiria com sua obra, o tinham a expectativa de vê-lo desta maneira. Pedro Américo não pintou Osório desta forma porque era como outros o gostariam de vê-lo, ele não estava atendendo somente os desejos da demanda, por assim dizer. Mas o fez porque estava de acordo com os demais, ele compartilhava da valorização popular à postura de Osório.

Tanto Osório quanto Caxias, tornaram-se heróis nacionais com base em uma memória popular que foi construída sobre eles. De um lado, o Duque de Caxias por conta de sua condição familiar e proximidade com a corte, teve melhores oportunidades de demonstrar seu valor para o Império enquanto estrategista - o que o fez ascender mais rapidamente na hierarquia do exército, adquirindo títulos nobiliárquicos. De outro, foi Osório quem adquiriu maior reconhecimento popular primeiro.

A sociedade brasileira da época era muito oralizada. Mesmo entre os membros das elites, os índices de analfabetismo, comparados aos padrões de hoje, eram altos. Portanto, era uma sociedade que se articulava principalmente pela oralidade. Os jornais eram importantes

⁸⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A Batalha do Avaí*. pg. 53. Ed: Sextante, Rio de Janeiro, 2013.

⁸¹ DORATIOTO, Francisco. *General Osorio: a espada liberal do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

elementos difusores de informação, mas como foi visto, eram voltados para um setor específico da população. Contudo, como apresentaram Doratioto e Lilia Moritz Schwarcz, os cotejos e celebrações públicas feitas nas ruas do Rio de Janeiro, que aconteceram em decorrência das chegadas do general Osório e do Duque de Caxias, demonstram o respeito que a população tinha por esses militares. Se o conteúdo dos jornais e folhas ilustradas não saísse dos círculos das elites, ficasse restrito àqueles que podiam pagar para lê-los, o discurso exaltando Osório e Caxias não teria repercussão.

A imprensa e a sociedade brasileira contemporânea à Guerra do Paraguai, construíram as bases do discurso que tornariam Manuel Luís Osório e Luís Alves de Lima e Silva em heróis nacionais. A forma de descrevê-los e de retratá-los em suas páginas, se perpetuou em uma memória que foi tornada historiografia por pesquisadores como Affonso de Carvalho. Este trabalho não se trata de questionar a validade da posição que tais personalidades ocupam hoje, mas, somente, ajudar a compreender o processo histórico que ocorreu para que chegassem a tal condição perante a nossa sociedade hoje.

Anexo: Suplemento da *Semana Illustrada*, 8 de Março de 1868, Nº 378.

À Glória

Canto de guerra

inspirado

pela miraculosa passagem de Humaitá

oferecido

à Esquadra, ao Exército e seus valentes generais.

Companheira dos gênios infalível
 nos críticos momentos,
 que libertas das nuvens do impossível
 a luz dos pensamentos!
 Mãe do heroísmo, glória, que ao teu filho
 sem que te veja alguém, mostras o trilho,
 que leva à eternidade entre laureis!
 Visão que tornas esquecida a morte,
 que o fraco ensinas a dobrar o forte,
 que avassalas nos tronos reis!

Sentes o ardor do frenesi que veio
 do Prata ao Amazonas!
 Ouves a voz que vai soar no meio
 das mais longínquas zonas?
 Vês o brázilo povo quanto é grande,
 quando os seus raros júbilos expande
 na sua magestade sem rival?
 Vês tudo isto, ó anjo da vitória?
 Cantas as bocas que te aplaudem, glória?
 Pesas bem teu império quanto vai!

Não pesas, não, que és pródiga e não
 desces
 a medir tuas obras;
 sabes que em teu poder jamais decresces,
 porque em Deus tens as sobras;
 deixaste em cada século tais prodígios
 que há de sempre encontrar os teus
 vestígios
 a memória dos séculos por vir;
 não tens pois que pesar na terra o efeito
 do teu condão que tudo faz bem feito,
 e que prêmios jamais soube pedir.

Mas eu, que sempre embalde te procuro,
 seria incoerente,
 não te votando em nome do futuro,
 hoje, em culto patente:
 Quem não se anima a proferir louvores
 à tua inspiração, quem não tem flores
 para saudar os escolhidos teus,
 ou não pensa, ou razão tem pra o crime,
 ou nas trevas se esconde do sublime,
 ou, descrente de ti, descrê de Deus.

Sim, porque é junto Dele que descansas,
 e é por Ele instruída
 que trazes benéficas mudanças
 à transitória vida.
 Mensageira dos Céus, consente agora
 que eu recorde na lira que te adora
 o que fizeste em prol do meu Brasil!
 É a história do efeito sobre humano,
 que, zombando das armas de um tirano,
 fez a hiena tremer no seu covil.

Estava reclinada
 aos pés do infinito trono
 mas desse quase sono
 por Deus foste chamada...
 Abriste os lindos olhos,
 miraste as niveas asas
 com que salvas escolhos,
 com que os mortais abrasas.

Das súplicas da terra

um eco então se ouvia
 nos Céus, que a Deus pedia
 o termo de uma guerra:
 Deus disse, ouvindo a prece:
 -Seja abatido o Nero.
 Aos homens, glória, desce,
 salva o Brasil: Eu quero.-

De subito baixaste
 ao solo americano
 e do cruel Solano
 o sono inquietaste,
 dizendo-lhe: - Eu já venho
 mostrar-te quanto posso;
 de Deus a força que tenho;
 segura o teu colosso. -

Opresso pelo sonho,
 Solano despertou-se,
 do leito levantou-se
 e disse: - Me envergonho
 de estar assim tremendo,
 qual tímida donzela! -
 Depois saiu correndo
 pra ver a cidadela.

Achou tudo em seu posto;
 achou tranquila a praça,
 e rindo da ameaça
 e serenando o rosto,
 dizia: - O meu reduto
 assuta a qualquer frota;
 firmado nele luto,
 sem medo da derrota. -

Enquanto assim pensava
 o altivo paraguaio,
 que incólume para o raio
 dos Céus já se julgava,
 corrias, glória imensa,
 ao chefe brasileiro,
 dizendo: - Sem detença
 prepara-te, guerreiro!

Ordena a brava armada
 que as âncoras levante
 e passe por diante
 da fortaleza irada;

teus batalhões reúne,
 e os guia para vitória;
 das mortes vais imune,
 contigo marcha a glória! -

Indo a noite estendia o negro manto
 sobre a face da terra muda; às vezes
 apenas se escutava ao longe os passos
 da alerta sentinela
 nas bázilas trincheiras. A corneta
 dormia, pendurada ao braço heroico
 do plácido soldado; as espingardas
 estavam no sarilho ou sobre os ombros
 das expostas vedetas; nas bainhas
 os intrépidos gládios sossegavam,
 da traição pelo sangue não tingidos,
 mas coroados da tinta do heroísmo.
 Não escarvava o plaino e não nitria
 o indômito corcel que resfolgara
 entre o fumo do prélio ante os perigos,
 para à prosperidade
 conduzir o seu dono triunfante.

Descansava o canhão, e perto dele
 repousava das bélicas fadigas
 o artilheiro veloz, o combatente
 que agora se olvidava dos combates,
 para rever, dormindo, a imagem leda,
 que o inspirara a merecer na guerra
 um só dos louros teus, que poucos
 ganham;
 um só troféu, incomparável glória,
 que, posto pelo bravo aos pés da Virgem,
 converte-lhe a grinalda,
 cândida e bela, em rosas purpurinas.

Nos aliados arraias reinava
 um silêncio de mortos. De repente
 soou a voz da marcial corneta...
 os tambores rufaram... ao sarilho
 das armas veio despertado infante...
 formaram-se as coortes... relincharam
 corcéis que por encanto se ajaezam
 ao festim da peleja... os estandartes
 desfraldam-se logo aos quatro ventos,
 e anunciaram músicas festivas

que tudo pronto estava para seguir-te,
idolatrada glória!

Marcaste a hora da marcha e, quando viste
que o bizarro Marquês te obedecia,
dirigindo aos guerreiros para o empenho
do término da luta; abandonaste
as heróicas falanges, procurando
a invencível esquadra que jazia
sobre o dorso das águas paraguaias.
Nas máquinas de guerra flutuantes,
cujas bocas acesas sempre foram
pelo facho que empunhas, glória eterna,
entraste sem ser vista dos marujos
que, sôfregos e atentos,
o sinal aguardavam dos seus chefes
para sair da malfadada inércia.
Quando buscaste o intrépido almirante,
pasmosa de encontrá-lo
já prevenido para o combate novo,
disseste-lhe aos ouvidos: - Grande Inácio,
serei hoje por ti, por essas quilhas
que nunca se moveram
para voltar vencidas; pelos bravos
jovens oficiais, que as áureas fardas
jamais na covardia marearam.
Hás de vencer a americana Crónstad,
para que não diga o mundo que um tirano
escarneceu dos brios que eu infundo.
Fica em teu posto, és mais preciso nele.
Verás teu pavilhão como há doravante
transpor o fogo, arrebentar as correntes,
malograr os horríssonos torpedos,
e triunfar dos ímpetos das águas.
Avante! Avante! Que a vitória é nossa! -

Em poucos instantes moveram-se logo
as prôas galhardas da esquadra exemplar;
e, certas dos louros e prontas para o fogo,
ao tredo inimigo se foram mostrar!

Centenas de balas romperam das bocas
que tanto sustentam o feroz López...
mas esses protestos de raivas loucas
trouxeram às quilhas mais nobre altivez!

E célebres vinham os brázilos cascos,
guiados seus lemes, ó glória, por ti!
e até passariam sobre penhascos,
se tu lhes dissesses: - Sem medo subi! -

Proeza não vista! Meu Deus, essas quilhas,
que a tanto se expunham na guerra, eram
seis!
Seis nuncias incríveis de tais maravilhas
que vós, operários do mar, julgareis!

Subiram! ... Subiram! ... O forte iracundo
rugia por vê-las subindo tão bem! ...
E López, tirado do sono profundo,
das balas naquele contínuo vai e vem,

correu orgulhoso para o seu baluarte
e, vendo as seis quilhas subir mais e mais,
bradava: - Ei de agora, Brasil, humilhar-te,
frustrando os arrojados dos teus generais!

Eu ei de vingar-me da tua marinha!
Eu ei de afundá-la, para nunca se erguer!
Aqui tenho a força que em Cuevas não
tinha,
aqui em Riachuelo não te há de valer!

Aqui as esquadras do mundo não passam,
por mais que atrevidas procurem passar!
Aqui mil torpedos de chofre despedaçam
o casco mais rijo que os venha tocar! -

E enquanto o tirano - Não sobem! - dizia,
mandando impropérios à esquadra fatal,
singravam as quilhas com mais galhardia,
por ti conduzidas, ó glória imortal!

Mas eis que um dos cabos partiu-se! ...
Uma quilha
na chuva de balas sozinha ficou! ...
Delfim lá triunfa! ... Lá passa a
esquadilha! ...
Porém a deixada prossegue ou voltou?

Por mais que lhe ordenem que volte,
impassível
se avança para outras que salvas lá estão!

Prossegue! E supera sozinha o impossível!

...

Quem é que os impulsos lhe imprime ao timão?!

Estavas, ó glória, já bênçãos ouvindo,
mas, vendo o perigo do audaz Mauriti,
disseste-lhe: - Agora não voltes, benvindo,
se em mim acreditas, não desças daqui! -

E o casco teimoso, subindo sem medo
por entre os furores de horríveis canhões,
transpôs as correntes, salvou-se ao
torpedo,
mais destro que o cervo que escapa aos
leões!

O bravo, das ordens do chefe esquecido,
cumprir tuas ordens, ó glória, só quis!
Tornando estupendo teu novo escolhido,
bendita a loucura que foi tão feliz!

Bendito o mancebo que um brinco de
infante
fez desse colosso que à Europa
assombrou!
Bendito das águas o novo gigante
que em pé sobre as águas para sempre
ficou!

E enquanto nas águas prodígios fazia
a esquadra sublime, fatal a López,
com as suas falanges mais louros colhia
e o Grande brasileiro, o invicto Marquês.

E crendo Solano que tudo era um sonho,
e sempre orgulhoso da forte Humaitá,
mirando o reducto, dizia, risonho:
- Quem há que me dobre o mundo?! Quem
há?! -

Deus, que não deixas que os Herodes
medrem,

Deus, que não compensas os martírios
grandes,
que os crentes fazes resistir aos ímpios,
como resistem aos trovões os Andes!
Deus de bondade e de justiça eternas,
na glória nutre a brasileira fé,
para que os braços dos modernos Codros
prostrem o Nero que ainda está de pé!

Glória, outra vez meus irmãos inspira,
guia-os nos prélios, na constância os guia;
tão pouca falta que o bem pouco basta
que faças, glória, para o imenso dia!
O dia agosto, em que os guerreiros
nobres,

mostrando ao livro quanto o gládio é,
digam aos evos que o Brasil não tomba,
prostrem o nero que ainda está de pé!

Não tenho, glória, para dar-te um cauto
que bem exprima a gratidão que tenho;
mas, traduzindo as ovações do povo,
do povo em nome agradecer-te venho.
Mais o finito consagrar não pode;
tornar à Humaitá, para que as brasileiras
águias
prostrem o Nero que ainda está de pé!

Glória, essa frota relembra as frotas
de Jervis, Nelson e Jean Bart, desprenda
contigo os raios da final peleja.
para que a minaz Sebastopol se renda!
Seja arrasada essa ameaça ao Império,
que a concordia tão zeloso é,
e as cinzas quentes do colosso extinto
prostrem o Nero que ainda está de pé!

Rozendo Moniz Barreto.

Fontes:

Imprensa:

A Vida Fluminense, 1868-1870; *Semana Illustrada*, 1865-1870; *O Arlequim*, 1867; *Correio Mercantil*, 1865; *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 de Agosto de 1949 e *Jornal do Commercio*, 1867 e 1949.

Iconografia:

Pedro Américo de Figueiredo e Melo. *A Batalha do Avaí*. Executada de 1872 a 1877. Medidas: 1000 x 600 cm (com moldura), 900 x 500 cm (tela sem moldura). Óleo sobre tela. Moldura em gesso dourado. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

Bibliografia:

- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. 2ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DORATIOTO, Francisco. *General Osorio: a espada liberal do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A Batalha do Avaí*. Ed: Sextante, Rio de Janeiro, 2013.
- BALABAN, Marcelo. “O poeta do Lápis. Sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)”. Campinas SP, Editora Unicamp, 2009.
- TORAL, André. *A iconografia da Guerra do Paraguai (1864-1870)*. São Paulo, Humanitas, FFLCH, USP, 2001.
- IZECKSOHN, Vitor. *A Guerra do Paraguai*. Org: GRINBERG, Keila & SALLES, Ricardo. *O Brasil Imperial, vol II: 1831-1870* - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. - Rio de Janeiro, Ed: Paz e Terra, 1990.
- LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”, in *História e Memória*. 4ª edição, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996

- KRAAY, Hendrik. "Slavery, citizenship and military service in Brazil's mobilization for the Paraguayan War". *Slavery & Abolition*, 18:3, 1997, 228-256. DOI: 10.1080/01440399708575220
- SOUZA, Adriana Barreto de. "Experiência, configuração e ação política: uma reflexão sobre as trajetórias do Duque de Caxias e do General Osório". *Topoi*, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 90-111.
- PEREIRA, Alan Ricardo Duarte. "Historiografia da Guerra do Paraguai: perspectivas e tendências de um conflito secular". *Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais* - UEG/UnU Iporá, Vol. 1, no. 1 - 2012, p. 27-38.
- CRUZ, Heloisa de Faria & PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. "Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa". *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dezembro, 2007.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. "Negociações impressas: a imprensa comercial e o lazer dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Primeira República". *História* (São Paulo) v. 35, e99, 2016
- SOUZA, Karen Fernanda Rodrigues de. "As cores do traço: paternalismo, raça e identidade nacional na Semana Illustrada (1860-1876)". Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2007.
- LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.
- MARTINS, Ana Luiza. "Imprensa em tempos de Império", in *História da Imprensa no Brasil* / Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca, (organizadoras). - São Paulo: Contexto, 2008.
- MOREL, Marco. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro : Mauad X, 2010.
- CARVALHO, Affonso de. *Caxias*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1976.